

Jornal da  
**Brasileira**



**SBP de PA**  
Sociedade BRASILEIRA de  
Psicanálise de Porto Alegre

Órgão de divulgação da Sociedade Brasileira de Psicanálise de Porto Alegre V. 27, n.º2, dezembro de 2024



# OS IMPACTOS DA TECNOLOGIA NOS VÍNCULOS

# Editorial



Em 2024, vivemos momentos tensos e intensos, mas nossa capacidade de resiliência e enfrentamento das adversidades não nos impossibilitou de produzir.

A Diretoria de Publicações fez o levantamento de todas as Revistas que não tinham sido entregues aos seus membros e procurou enviá-las ou solicitar a sua retirada junto à secretaria, para sabermos claramente quais edições estão esgotadas e quais podemos comercializar.

Lançamos a assinatura anual da Revista, tanto física como em formato digital, incrementamos então a venda de nossos exemplares, bem como fizemos parceria com o João Livreiro que, ao estar presente em eventos da nossa Sociedade, parte de sua receita é revertida em livros para a Biblioteca da Instituição. Essa parceria rendeu bons livros para aumentar o acervo. Vamos também ampliar as relações com a Joana Livros, fazendo as mesmas combinações.

No primeiro semestre, lançamos a Revista com o tema "Masquismo", ocasião em que prestigiaremos os 25 anos de publicações e os editores deste período. Ana Rosa Trachtenberg, como primeira editora, nos brindou com o histórico e fotos deste período. Viajamos no tempo. Momento muito inspirador e agradável, pois estávamos recebendo os novos candidatos para a Formação, na Aula Inaugural do segundo semestre promovida pelo Instituto.

O tema da próxima Revista será "O traumático em cena", que contará com artigos de vários psicanalistas nacionais e internacionais como uma forma e tentativa

de elaborar os excessos nos impostos pela tragédia climática que o RS vivenciou.

2025 promete! Lançaremos, ainda no primeiro semestre, os livros *Prints da adolescência* e *Cidades alagadas, mentes inundadas*, pela editora Blucher. A produção dos colegas da Brasileira, bem como colegas de outras Sociedades, foi um marco significativo em suas participações. Para o segundo semestre, teremos a tradução e edição do livro da Ane Brum.

Na equipe do jornal, agregamos a colega Jeanet Sacchet, sendo que os demais participantes permaneceram e contribuíram muito para a confecção do jornal anterior que teve como tema "Preconceitos", assim como para esta edição, que versará sobre "Os impactos da tecnologia nos vínculos". Teremos uma entrevista com Heloísa Zimmermann e mostraremos os escritores de nossa Sociedade que se sentiram convidados a apresentar seu livro. Ecos do Congresso da FEPAL, escrito pela Camila Reinert, onde fomos a segunda Sociedade com mais integrantes. Teremos o espaço da poesia da Léa Thormann, para dar um tom lúdico, bem como o artigo da Luciana Schmal contando sobre os bastidores e inícios do texto e peça "Rita e Freud".

Artigos do sempre presente e atual Gley Costa sobre a temática desta edição e da colega Nicole Campagnolo sobre "As telas na família contemporânea", trabalho que foi apresentado no Simpósio da AMI. Falando em AMI, esta também traz notícias deste ano, assim como algumas Diretorias e as palavras da Presidente apresentando os feitos de 2024. O Instituto também se apresenta referindo o quanto realizou neste ano que finaliza.

Que venha 2025 com muita luz, energia e saúde para iluminar o nosso segundo ano de gestão.  
Boa leitura!

**Katya de Azevedo Araújo**  
Diretora de Publicações

## Jornal da Brasileira

### EXPEDIENTE

**Editora:**

Katya de Azevedo Araújo

**Conselho Editorial:**

Fátima Tonolli Fedrizzi, Iuri Ismael Pedroso de Oliveira, Jeanete Sacchet, Júlio Sperb e Nicole Campagnolo

**Assistente Editorial:**

Lorraine Luz

**Revisão de português:**

Débora Rodrigues

**Diagramação:**

Marcelo Pereira Teixeira

**Capa:**

Micaela Feijó Wünsch

**Secretária:**

Jamile Nogueira

### DIRETORIA

**Presidente:**

Patrícia Rivoire Menelli Goldfeld

**Vice-presidente:**

Denise Zimpek Teixeira Pereira

**Tesoureira:**

Tamara Barcellos Ferreira

**Diretora Administrativa:**

Mara Loeni Horta Barbosa

**Diretora Científica:**

Janine Maria de Oliveira Severo

**Diretora de Publicações:**

Katya de Azevedo Araújo

**Diretora de Divulgação:**

Heloisa Zimmermann

**Diretora de Comunidade e Cultura:**

Rosa Beatriz Santoro Squeff

**Diretora do Centro de Atendimento****Psicanalítico:**

José Ricardo Pinto de Abreu

### INSTITUTO DE PSICANÁLISE

**Diretora:**

Vera Maria H. Pereira de Mello

**Secretária:**

Ana Rosa Chait Trachtenberg

**Coordenador da Comissão de Formação:**

Cynara Cezar Kopittke

**Coordenadora da Comissão de Seminários:**

Silvia Stifelman Katz

**Coordenadora da Comissão de Formação****Integrada em Psicanálise da Infância e da****Adolescência:**

Ester Malque Litvin

### DIRETORIA DA AMI

**Presidente:**

Marcela Pohlmann

**Vice-Presidente:**

Nicole Campagnolo

**Secretária:**

Marta M. Stumpf

**Tesoureiro:**

Iuri Ismael P. Oliveira

**Conselheiro Egresso:**

Aline Santos e Silva

**Conselheiro MI:**

Gláucia Zenkner Schmidt

**Memórias e Arquivos da SBPdePA:**

Jeanete Sacchet

**Órgão de divulgação da Sociedade Brasileira de Psicanálise de Porto Alegre, fundada em 1992.**

Praça Dr. Maurício Cardoso, 07, Moinhos de Vento CEP 90570-010 Porto Alegre – RS – Brasil  
Tel. 55 51 3330-3845 / 3333-6857

[www.sbpdepa.org.br](http://www.sbpdepa.org.br)

Os artigos assinados não refletem necessariamente a opinião da SBPdePA, estando, portanto, sob responsabilidade de seus autores.

---

# Palavras da presidente



O ano de 2024 está terminando, e é o momento de pensarmos sobre os caminhos que a SBPdePA percorreu no primeiro ano de nossa gestão. Em maio, tivemos a maior enchente da história do Rio Grande do Sul, que atingiu mais de 96% das cidades gaúchas (478 dos 497 municípios, segundo a Defesa Civil do RS (08/07/2024). A nossa Brasileira em peso, assim como a maioria dos brasileiros, engajou-se em práticas de auxílio.

A ação emergencial organizada e coordenada por nossa Sociedade levou a psicanálise a trabalhar extramuros e prestou atendimento solidário a mais de 250 pessoas de forma *on-line*, além de inúmeros atendimentos presenciais em abrigos. No atendimento *on-line*, envolveram-se 174 terapeutas e analistas de todo o país, numa rede nacional de solidariedade. Foram realizados grupos de Escuta para os dois tipos de atendimento, baseados no modelo de Faimberg (2002). Tivemos a ajuda do PACE da IPA (Assistência Psicanalítica em Crises e Emergências), com 5 encontros de supervisão de casos: dois com a Chair do PACE, Monica Cardenal (APdeBA), dois com Gianna Williams (SBP) e uma com Ricardo Readí (SBP).

A necessidade de ampliar nossos conhecimentos sobre as questões traumáticas levou a uma série de palestras e conferências: a Comissão Científica organizou uma Roda de Conversa com a prata da casa; o Instituto de Psicanálise organizou quatro atividades: duas com Moty Benyakar (APA), uma com Yolanda Gampel (IPS) e a última com Julio Moreno (APdeBA). O CAP (Centro de Atendimento Psicanalítico da SBPdePA) organizou dois encontros

sobre trauma, um deles com o psiquiatra José Toufic Thomé, de São Paulo (especialista em intervenções em situações de crise).

O resultado de nosso aprendizado está sendo reunido em um livro: *Cidades alagadas, mentes inundadas*, que está no prelo pela Blucher, a ser lançado no primeiro semestre de 2025.

Para as pessoas atendidas e seus familiares, observou-se o poder da escuta analítica na reestruturação do psiquismo afetado pelo fenômeno disruptivo. Isso foi verificado por meio de mudanças em questões de organização tópica e econômica do psiquismo, em que de funcionamentos inibidos e discursos catárticos, se observou o surgimento de pensamentos fantasmáticos e sonhos simbólicos. Vemos também uma maior capacidade de organização e enfrentamento da situação por parte das pessoas envolvidas.

Foi um desastre que levou Caroline Garland e cinco outros psicanalistas da Clínica Tavistock a pensar em orientar a psicanálise para colocá-la em prática tanto fora como dentro da sala de análise. Recentemente formado, esse grupo decidiu atuar no naufrágio da balsa Herald of Free Enterprise (1986), na costa da Bélgica, com a perda de centenas de vidas em circunstâncias terríveis. O resultado desta experiência foi a criação da Unidade para o Estudo do Trauma e suas Consequências (1986), na Clínica Tavistock, como nos conta Garland, na introdução do livro *Understanding Trauma*, onde vários psicanalistas descrevem os primeiros resultados do trabalho da Unidade.

---

O aumento de 1,5 graus na temperatura média global, como disse Lara Lutzemberger no recente Terceiro Simpósio Integrado SBPDEPA, SPPA e SPPel, significa que a Terra está com febre. Isto quer dizer que as alterações climáticas se tornam imprevisíveis, como vimos nessa enchente aqui do Rio Grande do Sul, e na Espanha, Itália, Áustria, Polônia, República Tcheca, Hungria, Indonésia, Afeganistão e Quênia. Temos um papel importante a fazer no quinto eixo, com a psicanálise extramuros.

Neste ano de 2024, o tema científico girou em torno das sexualidades dissidentes, uma área ainda em desenvolvimentos teóricos, técnicos e clínicos pela psicanálise. Como resultado deste ano de conferências e Rodas de Conversa, tivemos em 02 de dezembro, num encontro com Facundo Blestcher, o lançamento de um Grupo de Estudos sobre o tema

das sexualidades dissidentes, com a coordenação de Lisia Leite, Janine Severo e eu, para aprofundarmos o estudo deste tema.

Para o ano de 2025, estamos preparando uma grande jornada com o tema *Metapsicologia do trauma*. Para aprofundar esse tema, traremos Christophe Dejourn, Presidente da Fundação Laplanche, e Diana Tabacof, Presidente da IPSO Paris, Facundo Blestcher, Presidente da ASAPPIA (Associação Argentina de Psiquiatria e Psicologia da Infância e Adolescência) e Emiliano Camargo David, Doutor e Mestre em Psicologia Social pela PUC-SP.

Um bom ano de 2025 a todos os colegas da Brasileira!

**Patrícia Rivoire Menelli Goldfeld**  
Presidente

## Poesia

# Acontecência

Quatro vezes  
na semana  
às vezes três  
abro a porta  
e encontro  
teu olhar toldado

ao escutá-la  
flutuando no divã  
imagino  
por onde andam  
teus olhos

às vezes avenida  
noutras beco  
percorremos lugares  
gastos e também  
os ainda não  
acontecidos

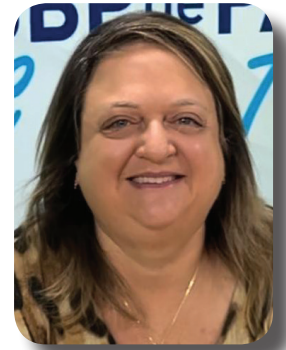
mapeamos  
um mundo  
onde tens  
todas as idades  
ou nenhuma

verdade que pulsa  
na acontecência

**Lea Lubianca Thormann**



# Neutralidade e abstinência na era das mídias sociais



*Há 20 anos na era das mídias sociais, é hora de a Psicanálise analisar e implicar-se nesta instituição que consome incontáveis horas por dia de, virtualmente, todas as pessoas, tanto pacientes como psicanalistas. Heloisa Zimmermann, Membro Associado, Diretora de Divulgação e Coordenadora do Núcleo de Infância e Adolescência da SBPdePA, é a nossa entrevistada desta edição.*

### De onde vem o teu interesse neste assunto?

**Heloisa** - Da curiosidade. Ou para usar um termo psicanalítico, do instinto epistemofílico. A convivência com adolescentes traz a necessidade de lidar com o novo, com o inédito, e frequentemente somos convocados a entrar pessoalmente em aventuras inimagináveis. As redes sociais são um exemplo de modernidade que provocou muita resistência. Com razão, no primeiro momento, até que se criassem as medidas de segurança essenciais. Além disso, aprender, querer saber, experimentar são características do ser humano saudável. Assim como a curiosidade, as identificações e o alívio das angústias ao ver o que acontece nas vidas dos outros. As pessoas falam umas das outras, na frente e pelas costas, às vezes com alguma preocupação na verificação de fontes ou com a veracidade dos fatos, mas nem sempre. O prazer parece ser independente da objetividade ou da confiabili-

dade do relato. Assim, quando se apresentam recursos infundáveis de busca de informações sobre a vida alheia, é muito tentador. Ainda mais se a vida em questão não for tão alheia assim, como alguém próximo, frequentando os mesmos ambientes, ou pior/melhor, a mesma Sociedade Psicanalítica.

### Quando as redes sociais passaram a fazer parte da vida das pessoas?

**Heloisa** - As redes sociais fizeram parte da vida das pessoas desde sempre. Das digitais, no Brasil, a primeira importante foi o Orkut em 2004. Era frequentado predominantemente por jovens que queriam conversar. Aos poucos, porém, a tecnologia foi aumentando, novas redes foram criadas, o interesse foi se expandindo, até chegarmos ao momento atual em que virtualmente todos temos alguma rede social. Quem não interage diretamente, espia o que os outros publicam. Ou acompanha as instituições por motivos puramente científicos. Falando sério, as redes sociais digitais parecem ter iniciado de maneira insidiosa, usada por poucas pessoas, poucas vezes por semana, para conversar com um amigo por vez. De lá para cá, hábitos e costumes se modificaram a ponto de estarmos não só adaptados a usar as redes, mas dependentes delas. Nos interessamos e consumimos o que amigos e famosos postam, sobre o assunto que for,

viagens, leituras, família, política etc. E o prazer se completou com o surgimento das mensagens diretas no privado e com a formação de grupos, facilitando o debate sobre os terceiros.

### Quais são os conceitos de neutralidade e abstinência?

**Heloisa** - A neutralidade diz respeito à imparcialidade do analista no sentido de aceitar o seu paciente como ele é, independente das próprias crenças e opiniões pessoais. Os desejos e expectativas do analista não devem importar no tratamento dos seus analisandos, sendo essencial reprimir-se neste sentido. Obviamente, a paciência e a capacidade de tolerar frustrações são condições *sine qua non* para o nosso trabalho. Salienta-se que ser neutro não é ser rígido e nem se apagar enquanto pessoa. Este extremo explicita comportamentos defensivos por parte do terapeuta que de modo algum são terapêuticos. Destaca-se também que a neutralidade, mais do que um conceito técnico ou um comportamento caricatural, é uma função, uma postura, que aos poucos vai sendo introjetada e colocada em ação dentro do analista. No entanto, alcançar este jeito de funcionar não é fácil e apenas se dá através de uma boa análise pessoal que explicita – na medida do possível – o que pertence ao analista e o que é do analisando. Já a abstinência diz respeito a não satisfazer todas

as demandas do paciente. De simples curiosidades sobre a vida do terapeuta até invasões concretas, a satisfação dos anseios do analisando pode levar, no máximo, a uma falsa e transitória melhora de seus sintomas. O objetivo inconsciente é de poupar-se dos sofrimentos que o levaram a procurar a análise, preocupando-se, ou distraíndo-se, com informações atuais e distantes de si mesmo. Assim, ao não ceder aos desejos e não preencher os papéis que o analisando tende a lhe impor, o analista mantém o paciente no trabalho analítico. É importante que o manejo dessas situações seja feito de forma habilidosa. Não se trata de ser rígido e negar toda e qualquer informação, mas é uma medida adaptável a cada dupla e a cada momento e circunstância do tratamento. Manter o analisando desejante é mantê-lo ativo no trabalho da análise. A abstinência também não é uma regra fácil de ser cumprida. A recusa em fornecer informações simples pode levar a embates desgastantes e prolongados. Todavia, o uso do material daí proveniente em termos de transferência, contratransferência e resistência leva a avanços muito maiores na análise do que a resposta à pergunta geraria.

### **Como adaptar esses conceitos à psicanálise de hoje?**

**Heloisa** - O mundo segue muito parecido com a época de Freud. No entanto, maior, mais rápido e mais exposto. A população aumentou, temos mais amigos e muito mais conhecidos do que era comum em 1900. Contudo, os círculos por onde navegamos continuam limitados a pessoas relativamente próximas e do mesmo nível socioeconômico e cultural. O contato que Freud tinha com seus vizinhos era característico da época deles. Para nós, as redes sociais são o padrão de contato atual. A maneira como o

analista se posiciona nelas será percebida pelos pacientes como sempre foi. Para os analisandos que desejam obter todas as informações possíveis, o que está disponível na rede, em geral, é o de menos. O convívio em instituições sempre gerou informações o bastante para satisfazer a curiosidade em parte e mantê-la o suficiente para que o tratamento siga em marcha. Além disso, se considerada importante, a aura de mistério caricata cultivada por colegas de outrora ainda pode ser conseguida. Mas será desejável? Qual informação deve ficar tão indisponível que não possa ser tratada no âmbito do *setting*? Talvez o ponto de equilíbrio seja difícil, mas lutar contra os tempos parece um gasto de energia desnecessário e não adaptativo. Não obstante, temos todos os tipos de pares e não buscamos 100% de consenso.

### **E como os psicanalistas têm se adaptado ao mundo das mídias?**

**Heloisa** - Os conceitos de obsolescência programada e dos 15 minutos de fama são realidades. Independentemente da idade cronológica, nos sentimos jurássicos e desistimos de acompanhar várias das mudanças ao nosso redor. Inclusive algumas que nos afetam. Quando dominamos o *e-mail*, vieram as redes. Quando dominamos o FB, vieram o YouTube, o WhatsApp e o Instagram. Quando dominamos o Instagram, vieram o Spotify, o TikTok, o Metaverso e vou parar no Chat GPT. A informação está completamente disponível, de modo que ficou complicado para quem contava com a discrição para ser neutro e abstinente. Analisandos com curiosidade e ímpeto descobrem em segundos em quais instituições estudamos, de quem somos parentes, se temos registros de processos, multas de trânsito, onde passamos as férias etc. Com

certeza, estamos muito mais expostos e seremos pegos de surpresa se não contarmos com a possibilidade de sermos questionados sobre programas com amigos, tardes com filhos, congressos, entre outros. O importante é seguir, como sempre, com a atenção flutuante, aberto ao novo, ao inesperado, para aproveitar a situação que se apresenta a favor do tratamento.

### **Então te parece que a exposição nas mídias é positiva?**

**Heloisa** - Não necessariamente. Vai depender do uso que cada um fizer. Hoje, as pessoas trocam mais informações sobre tudo, inclusive sobre si mesmas. Elas se expõem mais e as redes atingem um número virtualmente infinito de outras pessoas, mas os padrões seguem semelhantes. Quem tinha necessidade de plateia, aproveita a oportunidade e cultiva várias redes produzindo ou repetindo muito conteúdo. Quem era discreto, continua sendo, postando comedidamente apenas para os amigos próximos. Já o fato de algumas pessoas publicarem conteúdos considerados impróprios por outras nutre outra discussão. Mantendo o foco no tema da neutralidade e da abstinência em sociedades psicanalíticas e na escolha ou manutenção de terapeutas, imagens, textos ou posicionamentos que dão arrepios em alguns podem ser o fator determinante nas escolhas por outros.

### **Por que tanto medo, então?**

**Heloisa** - Acredito que o medo da internet e das redes vem de quem não as conhece e se sente indefeso em frente às telas. Quando ouvimos casos de roubos de dados, imagens, dinheiro, quadrilhas de pedófilos, movimentos antissemitas, golpes originados em presídios etc., de fato fica-

mos consternados. Assim como há humanos planejando golpes e criando artifícios cada vez mais complexos, também contamos com exércitos de gênios criativos para nos defenderem. Ao mesmo tempo, já não somos tão ingênuos quando ouvimos que um idoso caiu pela terceira vez no mesmo golpe, ou que um adolescente teve novamente seus nudes vazados pelos colegas. Amadurecemos nossa crítica e percebemos que algumas pessoas com “predisposição” para incidentes digitais talvez precisem mais da nossa ajuda do que da de um técnico em TI.

### **E como fica a abstinência nas redes? Como os analistas se posicionam neste contexto?**

**Heloisa** - Acredito que como sempre foram, uma vez que as redes não modificam caráter. Os mais expansivos vão aparecer muito, mostrando como são convidados para congressos, festas, eventos; vão fazer *lives*, publicar seus contatos para que o público os encontre facilmente para mar-

car consultas, avaliações, aulas etc. Ao passo que os mais discretos não vão fazer nada disso. E os desconfiados farão menos ainda enquanto condenam os primeiros e os segundos. Analistas e analisandos vão se expor nas redes como sempre se expuseram na vida social. Mas em uma escala proporcional aos idos de 2020. Um ponto relacionado às redes comumente negado é o da escolha do analista. A indicação de um colega, com a sua garantia, já é um processo e tem um valor imenso. Fazemos uma lista das qualidades pelas quais indicamos este colega e não todos os demais. E as redes podem ser aliadas neste processo, funcionando como proto transferência e resistência ou já adiantam o processo com a solicitação de outras opções. Afinal, quem, em sua consciência, procuraria um completo desconhecido para despir-se metaforicamente, expor suas intimidades, de sua família, de seus colegas? Sem saber se a pessoa é confiável ou se seus princípios e valores se alinham minimamente para que consiga

compreender o novo paciente? Para muitos, hoje, o modo como a pessoa se coloca nas redes é um critério deste rol. A busca de informações sobre o analista já é o trabalho analítico sendo colocado em marcha.

### **Para encerrar, como Freud veria este contexto?**

**Heloisa** - Freud já assinalava que nós, analistas, não estamos livres das fraquezas que enxergamos nas outras pessoas, pacientes ou não. Seja em termos de curiosidade sobre a vida alheia, seja no desejo de compartilharmos nossos sucessos, ou na expectativa de reações de aprovação. Ele não falava em *likes*, mas se preocupava em ser compreendido e sua teoria, bem aceita. Trocava cartas com muitos colegas e publicava sempre que podia expondo suas teorias e sendo condenado por muitos contemporâneos. Acredito que hoje ele levaria em consideração os riscos, mas aproveitaria muito os benefícios da internet e das mídias. Obrigada!

## **Artigos**

# **A relação de crianças e adolescentes com as telas – Um desafio da educação contemporânea**

**Gley P. Costa**

*Médico psiquiatra e psicanalista, autor do livro A Invenção da Vida: Uma Visão Psicanalítica Contemporânea da Felicidade*



O consumo recreativo de conteúdo digital em todas as suas formas por crianças e adolescentes configura uma grande preocupação da sociedade atual, superando, inclusive, a preocupação, em passado recente, com o uso de drogas. Não é para menos, se considerarmos que nos países ocidentais, as crianças com 2 anos ou menos passam cerca de

50 minutos diariamente diante de uma tela. Entre 2 e 8 anos, o tempo nessa atividade sobe para 2 horas e 45 minutos; entre 8 e 12 anos, para 4 horas e 45 minutos; e, entre 13 e 18 anos, absurdamente, para 7 horas e 15 minutos. Fazendo as contas, constatamos que, em um ano, um estudante da pré-escola passa cerca de 1,4 mês (1.000 horas) na frente de uma tela;

um estudante de nível fundamental, 2,4 meses (1.700 horas); e um estudante de nível médio, 3,7 meses (2.650 horas).

Esses números equivalem, respectivamente, a 20%, 32% e 45% do tempo diário de vigília dessas crianças e adolescentes.

Quando falamos em telas, estamos nos referindo, indistintamente, à televisão, aos videogames, ao telefone celular, aos *tablets* e ao computador, mas cabe uma observação particular em relação aos *smartphones*, esses pequenos aparelhos que revolucionaram globalmente a comunicação entre humanos. Junto com esse estupendo avanço tecnológico, na mesma medida, ampliou-se o uso de celulares em todas as faixas econômicas e etárias. Ultimamente, temos observado um crescente número de crianças que não apenas utilizam às vezes o celular dos pais, mas que passaram a dispor do seu próprio aparelho aos 7, 6 ou, até mesmo, 5 anos de idade.

Devemos estar atentos à realidade de que, enquanto nas mãos do adulto o celular pode se tornar uma dependência, fato comprovado atualmente, no caso da criança, quando o uso é exagerado, pode gerar danos neurológicos. Isso ocorre porque os *smartphones* geram uma multiplicidade de estímulos rápidos que, por sua vez, promovem a liberação de dopamina no cérebro, o neurotransmissor que proporciona sensação de prazer.

Além dessa satisfação imediata, a dopamina aumenta a impulsividade e dificulta a estratégia de controle do uso do aparelho. Num período em que o cérebro se encontra em fase incipiente de formação, esses estímulos rápidos em grande quantidade podem se tornar preponderantes no funcionamento mental, em detrimento da capacidade de concentração.

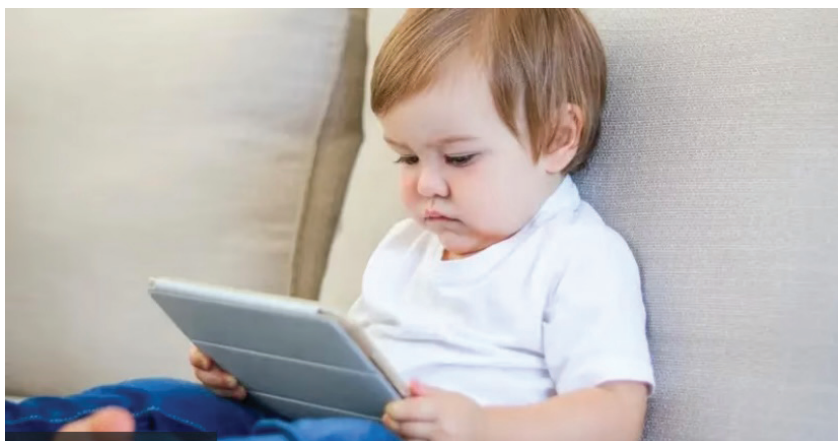
Com o tempo, eles também se tornam prevalentes, determinando um desinteresse por qualquer outra atividade que demande um raciocínio mais denso ou mais profundo. Situações extremas, determinantes de isolamento e desinteresse por outras ocupações, têm levado especialistas a denominar essas crianças "filhos do quarto", ou até mesmo chamar esses casos de "autismo digital".

Com isso, não pretendemos demonizar a utilização de telas pelos filhos em idade pré-escolar e escolar, mas alertar os pais para a necessidade de estabelecer os limites que permitem que eles tirem

o maior proveito possível dessa fantástica criação. Nesse sentido, parece oportuna a recomendação de que os pais não devem disponibilizar as telas aos filhos antes dos 6 anos.

Crianças pequenas não precisam de telas. Elas precisam que falemos com elas, que leiamos histórias para elas, que lhe apresentemos os livros. Elas precisam, isto sim, brincar, correr, dançar, cantar, montar quebra-cabeças, construir casas com lego: atividades que constroem seu cérebro de forma mais segura e eficaz do que qualquer tela recreativa. Os pais podem estar seguros de que a ausência de telas digitais durante os primeiros anos de vida não produz nenhum efeito negativo a curto ou longo prazo para a criança. Com certeza ela não se tornará um indivíduo deficiente no mundo digital devido a essa restrição. Ao contrário, terá reunido capacidades para um melhor uso das telas no futuro.

Depois dos 6 anos, os estudos indicam que um



consumo diário de até 30 minutos não oferece qualquer prejuízo à criança; entre 30 minutos e uma hora observam-se danos, mas muito fracos e podem ser considerados até essa marca toleráveis. Tendo em vista essas

observações, uma providência prudente seria liberar os dispositivos digitais por um período diário de até 30 minutos para crianças de 6 a 12 anos e de até 60 minutos acima desta idade. Tem sido constatado que esses limites dificilmente são obedecidos quando aparelhos de TV são instalados ou celulares deixados à noite no quarto da criança. Junto a esses limites de tempo de exposição, também é recomendável que os pais mantenham sua atenção aos conteúdos de *videoclipes*, *séries*, *videogames* etc., pois alguns podem apresentar caráter violento, pornográfico, racista ou de outra natureza, mas igualmente prejudicial à criança. A desobediência a esses cuidados pode gerar problemas de atenção, linguagem, controle dos impulsos, memória e desempenho escolar. Quanto mais não seja, é preciso ter presente que o uso excessivo das telas afeta excessivamente o sono, gerando importantes efeitos no desenvolvimento físico e cognitivo, além de riscos à vida e aos relacionamentos familiares e sociais.

Todas essas considerações referem-se às telas digitais domésticas, utilizadas para fins recreativos, cuja responsabilidade cabe aos pais, os quais sofrem



pressões divergentes muito fortes, que dificultam sua tomada de decisão.

Ao mesmo tempo, não podemos subestimar as inquestionáveis e revolucionárias vantagens do digital em todos os níveis do processo de ensino-aprendizagem. Isso não se discute, mas os investigadores têm se mostrado atentos ao movimento atual de digitalização do sistema escolar, procurando identificar a lógica predominante: econômica ou pedagógica?

No primeiro caso, a meta é diminuir os gastos com o número e a qualificação dos professores: substituir o homem pela máquina. No segundo caso, o objetivo é colocar esses recursos à disposição dos professores para aprimorarem o processo educativo. Dessa forma, é mantida a indispensável participação da pessoa do mestre como o mais importante instrumento de aprendizagem, não somente na infância, mas também na vida adulta, na formação acadêmica e até depois.

# As telas na família contemporânea

**Nicole Campagnolo**

*Médica Psiquiatra, membro do Instituto de Psicanálise, supervisora e colaboradora da Fundação Universitária Mário Martins e do Centro de Estudos em Psiquiatria Mário Martins*



Atualmente estamos vivendo um momento muito tecnológico. Observou-se um crescimento nas últimas décadas e hoje, estamos vivendo e sentindo uma série de IMPACTOS. As nossas vidas estão “linkadas” a dispositivos eletrônicos que nos proporcionam encontros, conhecimentos e entretenimento, mas também “desencontros”. E há quem diga que também esses mesmos dispositivos seriam um facilitador na resolução de problemas. Entretanto, o seu uso desenfreado vem causando um grande impacto no desenvolvimento infantil, nos adultos e nas famílias das mais diferentes culturas, podemos dizer, no planeta. Uma preocupação em constante discussão nos leva ao questionamento de como o uso das telas influencia o desenvolvimento cognitivo, social e emocional daqueles que usam sem a devida parcimônia.

Gley Costa, no livro *A invenção da vida*, uma visão psicanalítica contemporânea da felicidade (Gley Costa, 2023), nos convoca a pensar trazendo a ideia de que provavelmente um dos maiores desafios que na atualidade os pais enfrentam é o limite que devem estabelecer para os filhos quanto ao consumo recreativo do digital em todas as suas formas: computador, smartphone, tablet, videogame, televisão, etc.

No livro *“Meu filho tá online demais”*, equilibrando o uso das telas no dia a dia familiar a autora refere que “definitivamente, não é possível viver sem os eletrônicos no mundo de hoje e muito menos no mundo de amanhã” (Escobar, 2024, p. 1). Ela explica que o seu uso precoce, ainda nos primeiros meses ou anos

da infância vai influenciar no desenvolvimento neurológico do indivíduo. Nas fases do desenvolvimento neurológico observamos que “nascemos com 100 bilhões de neurônios que precisam se conectar, formando sinapses. Um bebê é capaz de realizar incríveis 700 sinapses por segundo. É fundamental destacar que o vínculo afetivo estabelecido pelos bebês com pais, cuidadores e pessoas próximas é o que promove essa notável rede de conexões cerebrais, um processo conhecido como neuroplasticidade. Quanto mais ampla for essa rede formada nos primeiros 2 anos de vida, maior será a capacidade de aquisição de conhecimentos e habilidades ao longo da vida da pessoa. Por essa razão, esses primeiros 2 anos de vida são considerados um período de ‘ouro’ no desenvolvimento infantil” (Escobar, 2024, p. 8). Aqui já podemos constatar que desde o nascimento, é indispensável e intransferível a disponibilidade afetiva dos pais ou cuidadores para suprir as necessidades do bebê. Escobar também salienta que a criança maior, utiliza-se de seu aparelho sensorial para descobrir o mundo e desenvolver as suas habilidades cognitivas. Ao sentir o mundo através do tato, do cheiro, do gosto e da visão, a vida se revela ao cérebro, que ativamente capta tudo e se estrutura fortalecido com todo o conhecimento registrado.

Diante dessas revelações, nos questionamos: quais seriam as vantagens de se expor precocemente a criança a uma tela eletrônica? Não foi encontrada nenhuma recomendação consistente na literatura que justificasse o uso tão precoce de dispositivos digitais na infância.



As recomendações de acordo com a Organização Mundial da Saúde (OMS) para equilibrar o tempo de tela e as atividades offline são as seguintes:

Crianças menores de 1 ano: zero tempo de telas.

Crianças entre 1-5 anos: 1hora/dia

Crianças acima de 5 anos: 2horas/dia de exposição de tempo de telas sedentárias (TV, computador, celular ou tablets).

A Sociedade Brasileira de Pediatria (SBP) amplia, orientando que as crianças com menos de 2 anos de idade não sejam expostas a quaisquer tipos de telas.

Em crianças maiores e adolescentes, o acesso aos dispositivos está cada vez mais difundido. A pesquisa "TIC-Kids Online Brasil" (Cetic.br) mostra que mais de 24 milhões de crianças e adolescentes entre 9-17 anos acessaram a internet. Isso significa que 92% dos jovens nessa faixa etária navegaram pela internet em 2022, e 82% têm perfil nas redes sociais. E a pesquisa mostrou que 96% acessaram a internet pelos celulares. E a grande maioria fez uso diariamente. Podemos observar que a internet está permeando os lares familiares. Será que estamos preparados para lidar com mais esse elemento nas interações com os filhos, cônjuges, pais e até com os funcionários, que transitam pelas nossas casas diariamente?

O teólogo belga Lawrence Beyerlinck, no século XVII, observou que "o espelho adoce a alma". De lá para cá, passamos do simples espelho para uma sofisticada busca de imagens cada vez mais belas e otimizadas. O fenômeno das telas além de produzirem uma replicação das "selfies", contém o que podemos designar de um "imã" que atrai, que chama, que desconcentra e que por vezes altera consideravelmente a realidade, seduzindo-o através do lícito e do que parece "politicamente correto" (Liv Stromquist, 2021).

No livro "Nação Dopamina: Por que o excesso de prazer está nos deixando infelizes e o que podemos fazer para mudar", a psiquiatra e escritora Dra Anna Lembke (2024) relata que as pessoas estão cada vez mais evitando o contato entre elas fisicamente e que as interações digitais têm sido a escolha de grande parte dos jovens. Ela atribui isso aos excessos digitais, que em função do uso indiscriminado das telas, desencadeiam alterações neurobiológicas que causam dependências. Consequentemente, os vínculos afetivos vão sendo substituídos por vínculos digitais, caracteristicamente frágeis e vazios.

Durante uma palestra sobre tecnologia, a psicoterapeuta e professora da Universidade de Nova York, Esther Perel (2023), especialista em relacionamentos contemporâneos, desenvolveu o fascinante tema da "intimidade artificial". Para ela, estamos vivendo nossas vidas em permanente estado de atenção parcial. Habitualmente, quando

nos relacionamos, nunca estamos 100% presentes. Nossa atenção parece estar sempre dividida entre as pessoas e o celular. Seria possível uma intimidade real com alguém ou alguma coisa? As mídias funcionam como anestesia seletiva para as relações humanas. Quando algo desconfortável se materializa, parte-se para o mundo controlado das telas e isso nos distrai do que é verdadeiramente humano.

Seguindo nessa esteira, o filósofo e escritor Gilles Lipovetsky, juntamente com o crítico de arte Jean Serroy, no texto "O virtual e o sensual" (2015), citam que nas sociedades das redes virtuais, os indivíduos passam o tempo diante das telas em vez de se encontrarem e viverem juntos. Comunicam-se de modo digital, em vez de falarem diretamente. Com o *cibersex*, as pessoas não fazem mais amor, o parceiro "faz o que quero", numa espécie de autorrealização do ato sexual. Enquanto o corpo deixa de ser a ancoragem real da vida, caminharíamos para um universo descorporizado. O que chama atenção é o questionamento dos autores: "É mesmo essa a lógica abstrata e desencarnada que nos rege?" (2015, p. 406) Eles argumentam que na verdade, à medida que tudo se acelera e que uma parte notável da nossa vida é passada diante das telas, vemos ascender novas valorizações da dimensão sensorial ou sensível. As pessoas buscam os prazeres sensitivos como os *boardsports*, a decoração, os jardins, a natureza, mas também o luxo, a gastronomia, os produtos, os vinhos de qualidade, as paixões turísticas, o desejo de ver, descobrir e sentir as belezas do mundo. O mundo virtual engendra uma forte necessidade de contrapeso que se torna veículo de sensorialidade. É essa a ironia de nossa época: quanto mais nosso mundo se torna imaterial e virtual, mais se assiste à ascensão de uma cultura que valoriza a sensualização, a erotização, a hedonização da existência.

Chama-nos a atenção e nos preocupam as exposições precoces a determinados estímulos virtuais. Pesquisas mostram um aumento de indicadores de autismo e perda da capacidade intersubjetiva nos bebês que são muito expostos às telas, assim como um aumento do isolamento entre os adolescentes devido ao tempo na internet e um crescimento do suicídio em meninas adolescentes em função dos aplicativos de redes sociais como Facebook e Instagram.

Nesse contexto, seguem estudos preliminares e controversos sobre a relação entre o uso excessivo de telas e o aumento de diagnósticos de autismo. Não há um consenso científico definitivo que estabeleça uma relação causal direta entre o tempo de tela e o desenvolvimento de transtornos do espectro autista (TEA). No entanto, alguns pesquisadores têm levantado hipóteses de que o uso excessivo de

telas na primeira infância pode impactar o desenvolvimento social e cognitivo, o que, em alguns casos, pode mimetizar sintomas de autismo ou atrasar o desenvolvimento de habilidades sociais, mas podemos pensar nos reflexos da ausência de contato tátil e próximo das crianças em desenvolvimento com seu cuidador, uma vez que entendemos que “o Eu é antes de tudo corporal, uma superfície corporal”, como postulou Freud ao conceber a segunda tópica em 1923 em *o Ego e o Id*.

No livro *A geração ansiosa*, o psicólogo e escritor Jonathan Haidt (2024) traz dados de aumento nas taxas de automutilação e de suicídio, principalmente em meninas na faixa entre 15 e 19 anos, nas últimas décadas, e ele atribui a existência de uma crise na saúde mental, principalmente devido ao aumento dos transtornos de ansiedade e depressão.

Haidt revela um dado importante sobre a era da internet: “ela veio em duas ondas”. Os anos 1990 presenciaram um crescimento rápido da tecnologia do computador pessoal e do acesso à internet (via modem, na época), sendo que até 2001 ambos podiam ser encontrados na maioria dos lares. Nos dez anos seguintes, houve um declínio na saúde mental dos adolescentes. Os millenials, que cresceram durante a primeira onda, eram ligeiramente mais felizes, na média, que os adolescentes da “geração X”<sup>[1]</sup>. A segunda onda envolveu o recrudescimento acelerado das tecnologias das redes e do smartphone, que por volta de 2012-2013 já estavam presentes na maioria dos lares. Foi então que a saúde mental das meninas começou a declinar, e que a saúde mental dos meninos se alterou de maneiras mais difusas (2024, p. 45)”. Segue o autor que entre 2010 e 2015, “a vida social dos adolescentes americanos foi amplamente transferida para smartphones com acesso contínuo a redes sociais, jogos on-line e outras atividades na internet.” (2024, p. 58) motivo pelos quais ele atribui a essa reconfiguração, o aumento de transtornos mentais em adolescentes, desde o início de 2010.

Sob o ponto de vista da psicanálise, lembramos que Freud, durante toda a sua obra, trouxe a ideia de que o homem é regido pelo princípio do prazer. Ele refere no texto *O mal-estar da civilização* (1930) que todo o sofrimento é apenas uma sensação, existente somente na medida em que a sentimos, e nós a sentimos em virtude da mais estreita ligação entre o corpo e a mente. Ou seja, já em 1930 havia uma preocupação de que a ciência precisaria se ocupar com os estudos mais aprofundados sobre a existência de substâncias que são produzidas pelo nosso corpo e que levam a comportamentos semelhantes a um estado patológico de mania, ou seja, de euforia, em oposição ao estado de tristeza intensa, pilar dos estados depressivos. Seguindo citação freudiana:

“nossa vida psíquica normal mostra oscilações entre uma maior ou menor dificuldade em experimentar prazer, paralelamente às quais há uma receptividade acentuada ou diminuída ao desprazer.” (Freud, 1930 p.33). O uso de substâncias e os excessos digitais, na teoria Freudiana, vivem em constante luta pela felicidade e no afastamento da miséria, e isso é tão valorizado como benefício que fica fácil de entender por que tantos indivíduos buscam o glamour idealizado e inacessível das mídias sociais. Entretanto, o indivíduo poderá, devido ao princípio de realidade que se impõem, sofrer de uma forte frustração.

Vivemos tempos de uma sociedade narcisista, onde o indivíduo vive muito em função de seus próprios interesses, pouco importando o coletivo e o bem-estar social. Além disso, o consumismo, a prontidão e o imediatismo evidenciado nas famílias contemporâneas, pouco contribuem para a busca por novos desafios e para o amadurecimento pessoal. Vivemos tempos em que não há falta, há pouco espaço para o reflexivo, assim como para a criatividade. O indivíduo pode desenvolver-se intelectualmente numa escala altíssima, mas como fica a sua capacidade de interação e de simbolização, com as suas figuras imaginárias e reais? Como ser criativo num mundo em que as pessoas recebem tudo pronto em poucos minutos ou segundos? Autores consagrados da psicanálise mostraram em seus estudos, a importância da presença e sobretudo do olhar materno atento. Ao se estabelecer o processo de confiança básica, descrito por Freud, o indivíduo poderá ao longo de sua vida, estabelecer relações mais seguras e confiantes.

Nessa linha, Lipovetsky e Serroy (2015) referem-se a um narcisismo paradoxal que se manifesta, a tal ponto que ele se mostra dependente da relação com os outros. Enquanto se desenvolvem os videogames e as comunicações virtuais, os indivíduos têm cada vez mais o gosto de sair à noite, vão à casa de amigos, ao restaurante, participam de festivais e de festas. O indivíduo hipermoderno não quer apenas o virtual, ele plebiscita o “live”. E concluem que quanto mais ferramentas de comunicação virtual existem, quanto mais telas *high-tech*, mais esses indivíduos procuram se encontrar, ver gente, sentir uma ambiência. É uma posição um tanto controversa, uma vez que jovens com características mais fóbicas que podem se aproximar a aspectos esquizoides da personalidade, podem esconder-se em relações virtuais e aumentarem suas dificuldades nos vínculos sociais.

O uso indiscriminado das telas está transformando profundamente o ambiente familiar e o desenvolvimento cognitivo, social e emocional, especialmente das crianças e adolescentes. Embora as tecnologias ofereçam inegáveis benefícios, como

comunicação e acesso à informação, o uso precoce e excessivo dos dispositivos eletrônicos pode comprometer o desenvolvimento neurológico e a qualidade das interações humanas. Autores e especialistas apontam para os riscos de uma “intimidade artificial” e de vínculos frágeis, substituídos por relações digitais superficiais, além do aumento de distúrbios emocionais e de saúde mental entre jovens, como demonstrado em diversas pesquisas. Em contrapartida, observa-se também uma crescente valorização da sensorialidade e das experiências “ao vivo”, como uma forma de contrapeso ao mundo virtual. Nesse cenário, o equilíbrio entre o uso das telas e as interações reais torna-se crucial para o bem-estar familiar e o desenvolvimento cognitivo, emocional e social das novas gerações.

Não podemos deixar de lembrar que devido a globalização e a crescente migração de jovens para outras regiões em busca de realização pessoal e profissional, além de um anseio por um “mundo melhor”, encontram nas telas uma possibilidade de manterem os vínculos emocionais que deixaram em sua cidade ou país, mantendo uma proximidade afetiva apesar da distância geográfica.

*(Texto apresentado no Simpósio da Associação de Membros do Instituto da SBPdePA, no dia 22/11/24. O tema deste ano é IMPACTOS).*

### Referências Bibliográficas

Costa, Gley P. A invenção da vida: uma visão psicanalítica contemporânea da felicidade/ Gley P. Costa;-Porto Alegre: Artmed, 2023.

Escobar, A. Meu filho tá online demais, equilibrando o uso das telas no dia a dia familiar/ Ana Escobar. -1. Ed. – Santana de Parnaíba (SP): Manole, 2024.

Stromquist, L. HQ “Na sala dos espelhos” Autoimagem em transe ou beleza e autenticidade como mercadoria na era dos likes & outras encenações do eu/Liv Stromquist. São Paulo: Companhia das Letras, 2021.

Lembke, A. Nação Dopamina: Por que o excesso de prazer está nos deixando infelizes e o que podemos fazer para mudar/ Anna Lembke; tradução Elisa Nazarian. 1.ed.;9. reimp. São Paulo: Vestígio, 2024.

Perel, E. Artificial Intimacy/ Esther Perel. Ep. 44. Your Undivided Attention. Podcast, 2023.

Lipovetsky, G., & Serroy, J. A estetização do mundo. Viver na era do capitalismo artista. O virtual e o sensual/ Gilles Lipovetsky e Jean Serroy; tradução Eduardo Brandão. 1 ed. São Paulo: Companhia das Letras, 2015.

Freud, S. Obras completas, volume 16: O eu e o id, “autobiografia” e outros textos (1923-1925) / Sigmund Freud; tradução Paulo César de Souza. São Paulo: Companhia das Letras, 2011.

Heffler KF, Sienko DM, Subedi K, McCann KA, Bennett DS. Association of Early-Life Social and Digital Media Experiences With Development of Autism Spectrum Disorder–Like Symptoms. JAMA Pediatrics. 2019.

Sigman A. Screen Time and Autism: The Shocking New Connection Jornal of Medical Screen Research, 2020.

Christakis DA. Impact of Early Screen Exposure on Behavioral, Emotional, and Cognitive Development. JAMA Pediatrics, 2019.

Webb SJ; Howard W; Garrison M; Corrigan S; Quinata S; Taylor L ; Christakis DA. Mobile Media Content Exposure and Toddlers’ Responses to Attention Prompts and Behavioral Requests. OriginalInvestigation | Pediatricsq.

Haidt, J. A geração ansiosa. Como a infância hiperconectada está causando uma epidemia de transtornos mentais/ Jonathan Haidt; tradução Lígia Azevedo. 1 ed. São Paulo: Companhia das Letras, 2024.

Organização Mundial da Saúde (OMS). Recomendações sobre o uso de telas para crianças.

Sociedade Brasileira de Pediatria (SBP). Orientações sobre o uso de telas em crianças.

TIC-Kids Online Brasil (Cetic.br). (2022). Pesquisa sobre o uso da internet por crianças e adolescentes entre 9 e 17 anos no Brasil.

Freud, S. Obras completas, volume 18. O mal-estar na civilização, novas conferências introdutórias à psicanálise e outros textos (1930-1936) / Sigmund Freud, tradução Paulo César de Souza- São Paulo: Companhia das Letras, 2010.

Gerchmann A, comunicação pessoal, 2024.

[1] Geração X seria composta pelos indivíduos nascidos entre 1965 até 1980, durante os anos que se seguiram ao *baby boom* do pós-guerra, verificado entre 1946 e 1964.



# Cine Anime: conectando psicanálise e cultura japonesa em Porto Alegre

**Júlio Sperb**

Psicanalista, médico, membro do Instituto de Psicanálise



O Cine Anime, projeto que idealizei, veio ao mundo através do Núcleo da Infância e da Adolescência da SBPdePA em uma parceria com o Instituto Ling e o Ministério da Cultura. A sua primeira edição teve três sequências neste ano, consolidando-se como evento que une a psicanálise aos *animes* na cidade de Porto Alegre.

A ideia surgiu da minha paixão de longa data pela cultura japonesa, neste caso, particularmente, pelos mangás e *animes*, que com suas narrativas sempre me instigaram a refletir sobre as complexidades e as nuances da existência humana. Esta conexão pessoal tornou-se, conseqüentemente, o impulso generativo que me fez propor pensar os *animes* sob a ótica da psicanálise, resultando em um desejo de diálogo, debate e divagações, de maneira aberta e reflexiva.

Em cada edição do Cine Anime, recebi dois convidados, sendo um deles psicanalista da SBPdePA e um profissional do meio cinematográfico. Os eventos aconteceram no auditório do Instituto Ling, conhecido centro cultural e artístico de Porto Alegre. Discutimos sobre o que o *anime* suscitou em cada um de nós, comentando cenas e costurando com a participação do público.

A primeira edição, realizada em agosto, se deu com a discussão de *A Viagem de Chihiro*, revelando uma enorme receptividade à ideia, esgotando os ingressos em poucos dias. Na estreia, acompanhado de Helena Surreaux, psicanalista didata da SBPdePA, e de Giordano Gio, cineasta e entusiasta do Studio Ghibli, discutimos sobre identidade, transitoriedade e o processo do adolecer.

Em setembro, junto a Paula Sarmento Leite, psicanalista da SBPdePA, e James Zortéa, professor de Realização Audiovisual da Unisinos, exploramos a simbologia das relações e dos laços através do filme *Kimi no Na wa (Your Name)*. Em novembro, ao lado de Eluza Nardino Enck, psicanalista didata da SBPdePA, e de Fabiano Pandolfi, animador e diretor de cinema, encerramos o ano com *Túmulo dos Vagalumes* e uma reflexão tocante sobre a vulnerabilidade infantil e a guerra, destacando a universalidade destas temáticas.



O sucesso do Cine Anime comprova a relevância dos *animes* como meio de expressão artística e cultural, ressoando profundamente com o público brasileiro, um dos maiores consumidores globais dessas animações. Através deste projeto, estamos construindo pontes entre a psicanálise e a cultura, proporcionando novas formas de compreensão sobre nós mesmos e o mundo à nossa volta. O projeto repercutiu em veículos importantes de Porto Alegre, reforçando o interesse de conectar os mundos da arte e da psicanálise.

Encerramos o ano com a certeza de que nossas divagações estão apenas começando. Para o ano de 2025, confirmamos quatro edições, trazendo novas animações e perspectivas. O sucesso até aqui reforça nossa missão de aproximar a psicanálise do público, utilizando narrativas culturais que ressoam emocionalmente em tantas pessoas.



# “Nosso encontro de gigantes” ou de pessoas capazes de mudar o mundo

**Luciana Saraiva Schmal**

*Psicóloga e psicanalista, membro do Instituto*



Freud, nosso pai e criador da Psicanálise, judeu que viveu de 1856 até 1939, basicamente em Viena, possuidor de centenas de obras escritas sobre ele, mais de 12 biografias, uma obra de 24 volumes traduzida para 30 línguas, 15 mil cartas escritas, formou mais de 60 analistas com suas análises didáticas. Ousaria dizer que influenciou o comportamento humano de maneira significativa nos últimos 134 anos, especialmente com a descrição do inconsciente, forças ocultas, que “comandam” o comportamento humano, para além da razão.

Brindou-nos com um cabedal teórico admirável: iniciando pela sugestão e hipnose, em seguida, pela importância dos sonhos, como se dá o funcionamento psíquico, a transferência, associação livre, sexualidade infantil, entre tantos outros conceitos que estudamos até hoje. O famoso *talking cure*, na técnica, para alívio e cura dos sintomas.

Casou-se com Martha e teve 6 filhos: Mathilde, Martin, Oliver, Ernest, Sophie e Anna. Faleceu em Londres, em 1939, em função de um câncer de mandíbula. Foi um homem do seu tempo e para além do seu tempo, deixando-nos um legado de dimensões incalculáveis.

Do outro lado do encontro, Rita, paulistana, viveu de 1947 a 2023, foi cantora, compositora, multi-instrumentista, apresentadora, atriz, escritora e ativista. Faleceu de câncer de pulmão, com 75 anos. Como sabemos, fato que mobilizou toda uma geração que “curtiu” os embalos de seu *rock* e *blues*, desde os mutantes, por várias décadas. Também influenciou o comportamento de muitas mulheres com suas canções: Chega mais, Baila comigo, Mulher é bicho esquisito, Nem luxo nem lixo, Mania de você, Caso Sério, Jardins da Babilônia, Ovelha Negra, Agora só falta você, entre tantos outros sucessos. Tinha um estilo muito marcante de autenticidade e irreverência. Foi uma mulher à frente do seu tempo, já levantando bandeiras de defensora da natureza e dos animais, feminista, libertária, amava cinema, falava cinco idiomas. Foi casada com Roberto de Carvalho, tendo três filhos: Beto, João e Antônio.

Em junho do ano passado, vi e/ou revi muitas entrevistas e programas com a Rita, como minha forma de fazer meu luto, me despedir dela e reviver minhas melhores lembranças da juventude. E lá estava eu, angustiada com a tal última mesa da jornada da Brasileira (Adições e Dependências: Reflexões e Transformações), que deveria ser uma mesa clínica, juntamente com os colegas Camila Reinert, Ana Rosa Trachenberg e José Zusman (eram meus parceiros de angústia, no acerto da atividade). Como ela (Rita) própria se declarava, o tema da jornada fechava, perfeitamente, com essa figura humana, cheia de histórias pitorescas para contar, seus dramas pessoais, abuso sexual infantil, drogas, alcoolismo, tabagismo e distúrbio alimentar. Tudo contado em sua autobiografia.

Eis que, no dia 26 de junho, uma segunda-feira, acordei e pensei nesse possível encontro. Seria um delírio? E o pessoal da comissão apreciaria minha sugestão? Depois de tanto pensar nas possibilidades de escrever caso clínico e debater filmes ou séries, tive o sonho de realizar esse encontro: Freud e Rita Lee.

Uma sessão de análise inesquecível. Duas figuras pelas quais tenho profunda admiração e que sequer se conheceram, teriam estilos complementares? Sabe-se lá? Assim como a vida vai pregando peças inusitadas na gente, deu-se este encontro dentro de mim!

Já imaginei Rita realizando suas associações livres, mais do que espontânea, sem vergonha nenhuma em ser “ovelha negra” da família! E, obviamente, numa sessão regada de risadas, embates intensos, muitos cigarros e charutos.

Ligo pra Camila e digo:

– Resolvida a mesa! Encontro de gigantes, Rita e Freud. O que tu achas?

Camila, que é uma colega “super” parceira, entrou na “minha onda” (sendo que a surfista é ela!). Rapidamente, me respondeu que sim; que logo, à noite, poderíamos, por uma videochamada, escrever esse diálogo juntas, ou uma vinheta de sessão.

– Fecho! Bom Paca! Bem Rita!



Ainda completou dizendo que encenaríamos a dupla, ela de peruca vermelha, sendo Rita, eu de barba, sendo Freud. Olha a pretensão da dupla!

Ao longo da tarde desse mesmo dia, me angustiei ainda mais, agora além de escrever um belo diálogo analítico, também deveria encenar? Delírio completo! O que estávamos inventando? Ninguém segurava mais nossa criatividade, ou onipotência? Resolvi falar com os especialistas/universitários.

Eis que resolvo ligar para o meu amigo, Celso Gutfreind, e conto a ideia; ele me ouve, gosta, mas me responde, rapidamente, que não teria tempo, pois estava sobrecarregado de tarefas naquele momento. Como quem me conhece sabe, não desisto fácil; eu, insistente que sou, pedi que pensasse com carinho na "causa", pois ele é imbatível na escrita das palavras e eu da insistência.

Comento os livros autobiográficos de Rita, *Uma autobiografia* e *Outra biografia*, este último com o relato emocionante da doença, que me encantou pelo estilo da escrita. Estava eu revivendo todas as lembranças, de reuniões dançantes da década de 80, *shows*, entrevistas na TV com Marília Gabriela, Pedro Bial, Jô Soares, Serginho Groisman, Saia Justa, enfim, catarse total minha com a Rita!

Não sei bem o que aconteceu com meu amigo, que se empolgou e, no dia seguinte, já foi enviando algo que havia escrito, uma página, duas páginas... E só parou pelo Natal. Acabamos ganhando uma apresentação de 1h e um livro, *Sig e Rita, da Vila Mariana à Viena D'Áustria*.

Na sequência de ideias, ainda do dia 26/06, ligo para o Júlio Conte. Vou tentar... Me achando muito "caruda", explico todo o esquema para ele, que me ouve, calmamente e diz: "Fala com a Catharina!". Penso: batalha quase ganha.

Vou à casa de Catharina, que me responde, muito rapidamente, à mensagem e, empolgadamente, diz: Adorei a ideia, conta comigo!

Mulher decidida, adoro! Tínhamos o time completo, a mesa clínica, escrita pelo Celso, encenada pela Catharina Conte e João Petrillo e dirigida por Júlio Conte! Golaço! Só posso agradecer ao time que se criou e abraçou muito bem essa incrível tarefa!

Criamos isso que estamos vendo no livro, a partir disso de cada um de nós.

Para quem não sabe, o isso-ID é a parte mais primitiva de todos nós, como dizia Freud. O ego é um precipitado do ID, o isso se transformou em Eu. Temos o produto desse precipitado todo, que foi a peça e, agora, o livro.

Para finalizar, uma poesia:

EGO

Eu, hermafrodita

Da água respirei, a vida

No sangue que bebi, o soro

Nos ares explodi, em choro

Da gula que comi, a fome

Da fêmea que nasci, homem

Eu me transformei em mim

Do Deus que duvidei, o sim

Das mortes que vivi, o além

Dos vícios que virei, refém

Dos bichos que sou, felina

Na velha que estou, menina

By Rita Lee

Gente, desculpa o Auê!

Lu Lee

(*Encontro entre Sigmund Freud e Rita Lee - Atividade de 03/9/24*)

## Momento histórico

# Orgulho Gay em Barcelona 1997

**Helena Surreaux**

Membro Titular Didata da SBPdePA

Diante do convite deste Jornal, de trazer um depoimento sobre um acontecimento transcendente da história da psicanálise da IPA, imediatamente me vem uma memória significativa: o congresso internacional em Barcelona, 1997.

Este evento teve como sua grande marca o movimento político de assunção, pela comunidade gay da IPA, da sua condição perante o mundo psicanalítico.

Foram amplas e profundas as repercussões desse ato. De pron-

to, caiu a ficha de que havia muito mais analistas homossexuais do que se podia imaginar e que estes já não estavam mais dispostos a seguir ocultando a sua forma de amar e o desenho diverso do seu prazer. Ante o olhar estupefato do

mundo psi, nossos colegas saíram da sombra mortífera que significava abafar e maquiar sua identidade afetiva e sexual, submetida à demanda heteronormativa.

A psicopatologização da condição gay, equiparando-a à perversão, foi uma injusta e profunda fonte de sofrimento que incrementou a discriminação já proveniente da sociedade em geral. Barcelona 97 fez cair o pano sobre a impossibilidade de um analista gay assumir sua condição em uma entrevista de admissão a uma sociedade da IPA. Em forma explícita ou não, a inserção de homossexuais estava vetada nos nossos institutos. Para estes analistas, era preciso dissimular, esconder, inventar, criar fachadas para maquiar a dimensão clandestina de suas vidas. É difícil avaliar o tamanho da dor de viver assim.

A pergunta que surge é: de onde vem esse preconceito tão instalado nas instituições da psicanálise? Logo da psicanálise! Disciplina que trabalha pela liberdade de ser e pelo encontro do sujeito com seu próprio desejo. Não me ocorre nada mais anti-psicanalítico do que essa posição autoritária e sectária de nossas instituições. Posso assegurar que Freud não tem nada a ver com isso.

Para provar esta afirmação, vou contar uma história que muitos já devem conhecer. Em 1935, Freud recebeu a carta de uma mãe aflita, pedindo orientações para desestimular a homossexualidade do seu filho. Reproduzo aqui alguns trechos da brilhante resposta do inventor da psicanálise.

*Cara Senhora,*

*Eu posso deduzir a partir de sua carta que seu filho é homossexual. Me impressiona muito o fato de que você mesma não mencione esse termo em seu relato sobre ele. Poderia perguntar por que o evita? A homossexualidade seguramente não é uma vantagem, mas não é nada de que se deva ter vergonha, nenhum vício, nenhuma degradação, não*

*pode ser classificada como uma doença; nós a consideramos como uma variação da função sexual produzida por uma certa interrupção do desenvolvimento sexual. Muitos indivíduos altamente respeitáveis da antiguidade e dos tempos modernos foram homossexuais, alguns dos maiores homens entre eles (Platão, Michelangelo, Leonardo da Vinci etc.). É uma grande injustiça perseguir a homossexualidade como um crime e uma crueldade também. [...] O que a análise pode fazer por seu filho está em outro caminho. Se ele está infeliz, neurótico, dilacerado por conflitos, inibido em sua vida social, a análise pode trazer a ele harmonia, paz de espírito, plena eficiência, permaneça ele um homossexual ou não.*

As palavras libertárias de Freud, escritas já em 1935 e reveladas publicamente em 1949, parecem não ter sido escutadas por nossas instituições. Foi necessária a ruptura paradigmática do congresso de Barcelona, meio século mais tarde, para acordar o universo psicanalítico para a grande injustiça perpetrada durante tantos anos e reposicionar as instituições psicanalíticas diante das demandas de uma sociedade em transformação. Este ato político não apenas abriu caminho para a aceitação plena da diversidade sexual dentro da comunidade psicanalítica, como também mostrou que a psicanálise, como uma disciplina em movimento, é capaz de regular suas instituições para evoluir com os tempos, no sentido de uma postura autocrítica, de reflexão e de compromisso com a inclusão e o respeito à dignidade humana.

Em sua carta a essa mãe, Freud diz que espera que ela não envie seu filho à análise com ele. Sua recusa em "tratar" o rapaz homosse-

Imagem: Simp1e123 from Pixabay



xual abre a perspectiva para que a homofobia dessa mãe, da sociedade e das instituições, sim, seja colocada no divã. Levaria essa metáfora mais adiante, sugerindo que o evento Barcelona 97 colocou no divã as instituições da psicanálise, revelando a posição profundamente preconceituosa que as habitava.

Este emblemático congresso tinha como tema "A Psicanálise e a Modernidade" e propunha pensar sobre os desafios que esta disciplina enfrentava em um mundo globalizado e cada vez mais tecnológico. Outra marca política digna de nota desse congresso foi o reconhecimento da psicanálise como importante ferramenta de reflexão sobre questões sociais e históricas, incluindo os legados de violência política e os traumas coletivos, como ditaduras e genocídios.

Nesse sentido, Barcelona, como sede do evento, trouxe uma ressonância histórica importante. A cidade carrega as memórias da Guerra Civil Espanhola (1936-1939), da repressão franquista e da luta pela democracia.

Barcelona 97 pode ser considerado um ponto de inflexão, no qual a psicanálise reafirma seu compromisso com questões que transcendem o intrapsíquico e o indivíduo, enfrentando os desafios éticos e políticos da complexidade do mundo contemporâneo. Mas as marcas do congresso de Barcelona não se extinguem nessas importantes conquistas.

Em dimensões menos contínuas, mas ainda muito signifi-

cativas, se fez inesquecível como data de nascimento de duas construções muito importantes para mim. Uma delas é a nossa instituição, a Brasileira, como carinhosamente a chamamos, que nasceu como sociedade nesse congresso, quando foi votada em assembleia a sua passagem de Núcleo de Estudos para Sociedade da IPA. Assim, Barcelona 97 figura nos anais de nossa sociedade como o momento em que os esforços de um grupo tenaz e entusiasta de fundadores deu à luz a uma instituição que já trazia em si o compromisso com a democracia, a inclusão e a ética, pilares que sempre servem de guia frente aos eternos desafios com os excessos narcisistas e os impulsos fratricidas que soem acometer-nos.

Por fim, o segundo nascimento é, na verdade, um renascimento. Barcelona 97 foi o espaço tran-

sicional que deu enlace ao meu retorno a Porto Alegre, após os anos de formação em Buenos Aires. Em Barcelona, tive a experiência inquietante de não ser nem de lá, nem de cá, de pertencer a tudo e não pertencer a nada. Ali pude me visualizar realmente em trânsito, cruzando a fronteira para um lugar conhecido e desconhecido ao mesmo tempo. Era membro associado e havia mandado um trabalho para esse congresso, que foi aceito. Minha primeira vez saindo do silêncio da escuta para alçar voz em um congresso internacional. Estava em curso uma mudança de posição subjetiva, que me situava em outro lugar, tanto no sentido metafórico no exercício da psicanálise, quanto material, empreendendo a volta à cidade natal.

Hoje, 27 anos depois, me sinto mais consolidada como psicana-

lista e pertença a uma sociedade que a passos largos vai evoluindo no seu compromisso ético com a inclusão. Nas entrevistas de admissão, ninguém mais precisa mentir sobre sua orientação sexual, em nossas festas de fim de ano, todos podem comparecer com seus companheiros, do sexo que for. Também nos sentimos orgulhosos no pioneirismo de oferecer bolsas para a formação de psicanalistas negros e indígenas por meio do projeto Ubuntu.

Espero que novas inclusões possam acontecer, celebrando a diversidade e uma progressão no caminho de uma sociedade cada vez mais alinhada com a lógica da alteridade.

Barcelona 97 sempre será o marco de nascer dessas transformações que tanto nos engrandecem.

## Notícias

# Científica



A diretoria da Sociedade Brasileira de Psicanálise de Porto Alegre (SBPdePA) escolheu o tema Sexualidade, questão fundante da psicanálise, para ser trabalhado durante o ano de 2024. Assim, a direção Científica programou um ciclo de quatro conferências intitulado *Sexualidade e Gênero – origens e destinos*, articulado com oito rodas de conversa com convidados da nossa Sociedade e de outras instituições e uma reunião clínica.

O propósito consistiu em desenvolver estudo, revisão e atualização das questões relativas à pluralidade de subjetividades sexuadas, identidades de gênero, orientações sexuais, parentalidades, formas de amar, desejar e se relacionar próprias da contemporaneidade, bem como suas implicações na práxis psicanalítica.

A programação, iniciada em março, teve seu curso modificado pela catástrofe climática ocorrida

no final de abril em nosso estado quando, então, a SBPdePA dirigiu suas ações às pessoas atingidas pela emergência climática. Ao final de junho, foi possível dar continuidade às rodas de conversa e conferências, contando com a solidariedade dos/as/es convidados/as/es, que prontamente abriram espaços em suas agendas para novas datas, bem como aceitaram participar das atividades *on-line*, que inicialmente tinham sido programadas para ocorrer presencialmente, pois a cidade de Porto Alegre ficou sem aeroporto até o final de outubro de 2024.

Ao fazermos o convite para as pessoas participarem do Ciclo e das Rodas, expressamos nosso desejo de que os eventos propiciassem encontros de letramento, de aprofundamento teórico-clínico, tornando nossa práxis psicanalítica mais abrangente, diversa e pluriversal. E, assim, ocorreram muitos encontros

com diversos sotaques, diferentes intensidades, desconstruções, tensionamentos, desassossegos e indagações propiciadores de aprendizagem, bem como ativadores de redes de interlocuções.

O Congresso da FEPAL, no Rio de Janeiro, foi o cenário do encontro presencial da rede constituída ao longo do ano entre nossos convidados e nós, membros da Brasileira de Porto Alegre, partilhamos mesas, trabalhos, inquietações, projetos, passeios e programamos novos encontros. Ainda, o encerramento do Ciclo anunciou um novo e outro circuito aprendiz na SBPdePA: a criação do Grupo de Estudos sobre Sexualidade e Gênero Dissidentes. Afinal, é necessário continuar aprendendo sobre pensamento não binário, pluriversalidade, subalternização, interseccionalidade, hipersingularidade.

Podemos também pensar que a temática desenvolvida durante o ano de 2024, em nossa Sociedade, está em sintonia com o tema do próximo congresso da Febrapsi: *Sexualidade. O Tumulto das diferenças*, que se realizará de 22 a 25 de outubro de 2025 na cidade de Gramado. Assim como fomos a segunda sociedade mais presente em número de participantes no congresso da FEPAL no Rio em 2024, a primeira foi a SBPRJ, também poderemos participar de forma consistente e representativa neste importante evento científico brasileiro.

Comissão Científica: Janine Severo (diretora científica), Aline Santos Silva, Carmen Prado, Giovana Borges, Sandra Fagundes, Siana Pessin Cerri.

## Rodas de Conversa

**21/03/24:** Sexualidade e gênero: um início de conversa

Convidadas: Lisia Leite (SBPdePA), Patrícia Goldfeld (SBPdePA) e Silvia Skowronsky (SBPdePA)

Total de inscritos: 225

**25/04/24:** Uma expedição ao polo com roupas de verão: a psicanálise frente às dissidências sexuais

Convidadas: Ane Marlise Port Rodrigues (SBPdePA), Giovana Borges (SBPdePA) e Luciana Redivo Drehmer (PUC, CEP de PA)

Total de Inscritos: 231

**26/06/24:** Curiosidade e preconceito na sala de análise

Convidados: Ian Nathasje (SBPdePA), Katya de Azevedo Araújo (SBPdePA) e José Stona (UFS, IPPERG)

Total de inscritos: 146

**25/07/24:** Escuta analítica desconcertada frente a sexualidades e gêneros dissidentes

Convidados: Celso Halperin (SBPdePA), Eliane Nogueira (SBPdePA) e Sandra Fagundes (SBPdePA)

Total de inscritos: 140

**29/08/24:** Tornar-se mulher

Convidadas: Gabriela Baptista (ESIPP), Juliana Lang Lima (SBPdePA) e Vera Melo (SBPdePA)

Total de inscritos: 290

**26/09/24:** Parentalidade em transição

Convidados: Angela Piva (SBPdePA), Cynara Kopittke (SBPdePA) e Denise Zimpek (SBPdePA)

Total de inscritos: 126

**30/10/24:** Reunião Clínica

Apresentadora: Cristiane Félix Schindwein (SBPdePA)  
Comentaristas: Angela Piva (SBPdePA) e Sérgio Lewkowicz (SPPA)

Coordenação: Janine Severo (SBPdePA)

Total de inscritos: 22

**31/10/24:** Você consegue me escutar?

Saboreando raça e gênero no divã  
Convidados: Fernando Kunzler (SBPdePA), Ademiel de Sant'Anna Júnior (UFRGS/ CRP-07) e Paula Gruman (UFRGS/Universidade Paris Cité)

Total de inscritos: 174

**28/11/24:** Metapsicologia e subjetividades contemporâneas

Convidados: Abraham Turkenicz (Ceapia/Contemporâneo), Ignácio Paim (SBPdePA) e Paula Sarmento Leite (SBPdePA)

Total de inscritos: 190

**02/12/24:** Lançamento do Grupo de Estudos sobre Sexualidade e Gênero Dissidentes

Conferência: Abrindo o espaço para o gênero na psicanálise: uma exigência teórico, clínica e ético-política

Convidado: Facundo Blestcher

Coordenação: Patrícia Goldfeld

Total de inscritos: 56



## Ciclo de conferências "Sexualidade e Gênero - Origens e Destinos"

**29/06/24:** Sexualidades e gêneros em mutação: modelos para (des)armar  
Convidado: Facundo Blestcher  
Total de inscritos: 26

**13/07/24:** O Sinthoma: uma via no diálogo entre as teorias do gênero e a psicanálise. Uma abordagem lacaniana  
Convidada: Sandra Schaffa  
Total de inscritos: 45

**14/09/24:** Homotransfobia no psicanalista: a normalização da expressão de violência no enquadre psicanalítico  
Convidado: Marco Posadas  
Total de inscritos: 41

**09/11/24:** Quem pode falar no divã? Raça e subalternização  
Convidado: Thamy Ayouch  
Total de inscritos: 79

## CONVITE: Jornada Científica da SBPdePA 2025: Metapsicologia do Trauma

A diretoria científica tem o prazer de convidar todos os colegas para nossa jornada bianual da SBPdePA que será realizada nos dias 28, 29 e 30 de agosto de 2025, no hotel Hilton de Porto Alegre.

Nesta jornada estudaremos "A metapsicologia do trauma", tema muito necessário frente a todos os acontecimentos mundiais, nacionais e locais que temos enfrentado nos últimos anos, com consequências marcantes tanto na esfera social como individual. Para pensar profundamente sobre esse tema teremos quatro convidados que trarão reflexões com enfoques diversos, enriquecendo muito nosso entendimento das variadas vertentes que o viver no mundo atual convoca a psicanálise a se dedicar.

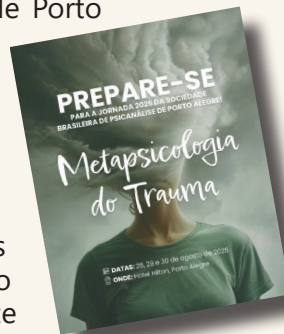
Assim, teremos como convidados os psicanalistas Christophe Dejourns, Diana Tabacof,

Facundo Blestcher e Emiliano Camargo David. Suas diferentes linhas de trabalho e formas de pensar certamente nos estimularão a muitas reflexões.

Durante o ano de 2025 organizaremos várias atividades preparatórias para que possamos conhecer melhor nossos convidados e aprofundar nossos conhecimentos.

Comissão organizadora da jornada: Janine Severo (diretora científica), Alessandra Guedes, Aline Santos Silva, Camila Reinert, Carmen Prado, Clarissa Leonardi Padilla, Elise Peres Tavares, Gabriela Morsch, Giuliana Stuber, Juliana Côrte Vitória, Karla Aquino, Marcela Pohmann, Morgana Tarrago, Roberta Breda, Vera Viunisk e Siana Pessin Cerri.

**(Janine Severo, diretora científica)**



## Comunidade e Cultura



Um ano se passou com muitos acontecimentos! Entre os projetos sociais que estão em plena atividade, mantemos o Ubuntu (Ane Marlise P. Rodrigues), Livros no tatame (Christine Nunes) e Projeto Tênis (Elusa Enck). Daremos, neste seguimento, uma atenção especial também aos Quilombolas,

organizando um novo Projeto, tendo como foco inicial os que estão localizados em General Câmara.

Em setembro, realizamos um encontro temático sobre Rita Lee e Freud, com Celso Gutfreind, Antonio C. Falcão, Júlio Conte e Luciana Schmal, no qual reunimos poesia, canto, literatura





e música. Foi um momento de arte muito lindo e descontraído.

Neste ano, em novembro, realizamos o Simpósio **CRISE CLIMÁTICA E PSICANÁLISE: IMPACTO NA COMUNIDADE**, juntamente com a Sociedade Psicanalítica de Porto Alegre e a Sociedade Psicanalítica de Pelotas. Foram convidados a participar muitos ambientalistas como Paulo Brack, Francisco Milanez, Lara Lutzenberger, Joel Goldenfum, Rafaela Santos M. da Rosa (Juíza Federal) e colegas psicanalistas: Patrícia R. M. Goldfeld (SBPdePA), Elisabeth Cimenti (SPPA), Hemerson Ari Mendes (SPdeP), e Maria Luiza Gastal (SPB).

Os grupos de estudos oferecidos por nossos colegas, durante o ano, tiveram plena aceitação e a maioria dará continuidade em 2025.

Para janeiro, já estão programados Cursos de férias abertos à comunidade como: **INTRODUÇÃO À PSICOSSOMÁTICA** (Patrícia R. M. Goldfeld, Mara L.H. Barbosa, Rosa B. S. Squeff e José R. P. de Abreu), **CONCEITOS BÁSICOS DE MELANIE KLEIN** (Gildo Katz, Elusa N. Enck, Flávio Roithmann e César Antunes) e **O LUTO NA INFÂNCIA** (Carmen Prado).

Nesse ano, a Comissão da Comunidade e Cultura foi constituída pelas colegas Gabriela Alves Morsch, Helena Surreaux, Kellen Gurgel Anchieta, Luciana Saraiva Schmall, Maria Isabel Pacheco, Paula Sarmento Leite, Vera R. Santos Cardoni e Vera Hartmann. Agradeço a todas pela parceria e dedicação.

**(Rosa Squeff, diretora de Comunidade e Cultura)**



## Administrativa

Encerramos então, enquanto diretoria, o primeiro ano de biênio 2024/2025. Foi um ano desafiador, em que a população gaúcha, assolada por uma das maiores tragédias climáticas da sua história, precisou da solidariedade, dedicação e trabalho de toda a sociedade civil para conseguir se reerguer. A Brasileira, bastante consternada, se envolveu e muito produziu nesse período.

Diante de tudo isso, mais do que nunca, fez-se necessário (e merecido) nos reunirmos num momento festivo e afetivo nesse final de ano. Enquanto sociedade, temos crescido de forma saudável; hoje somos 191 membros (entre associados e membros do Instituto) e estamos recebendo mais 10 colegas que iniciam formação no próximo semestre. Nossa sede já não nos oferece mais tanto conforto para esse

momento de confraternização e, assim, organizamos a festa de final ano num local que acolhesse melhor a todos. Momentos festivos como esse são preciosos, pois nos mostram que fazemos parte de algo maior, que é a Brasileira, onde é o "pertencimento" que nos fortalece.

Sou grata pela presença, na festa, de nossos fundadores: vocês nos lembram a grande responsabilidade que temos com a Brasileira e seguem nos inspirando. Muito obrigada por estarem conosco! E, por fim, quero agradecer de coração a dedicação carinhosa da nossa querida funcionária Micaela, e à colega Elise que, com um especial carinho, cuidaram de todos os detalhes para que nossa festa fosse um momento divertido, acolhedor e afetivo a todos!

**(Mara Horta Barbosa, diretora administrativa)**



# Divulgação



A Diretoria de Divulgação da Brasileira é formada por uma equipe ágil. Para dar conta do volume de anúncios das atividades organizadas pelas Diretorias Científica, de Comunidade e Cultura e de Publicações; de todos os Núcleos, como o de Vínculos, de Infância e Adolescência, do Projeto Ubuntu; dos vários Grupos de Estudos; e ainda das atividades das Sociedades coirmãs e das que nos abrangem, como da FEBRAPSI, FEPAL e IPA não poderia ser diferente!

Contudo, o valor mais importante para a equipe da Diretoria de Divulgação da SBPdePA é a transmissão da psicanálise para a comunidade leiga. A inclusão de todas as pessoas, com suas diferenças e peculiaridades, no âmbito do autoconhecimento, estimulando a busca da própria história e de suas respectivas verdades nos encanta. Ajudar a população a questionar-se e pensar por si, com suas ideias

e posicionamentos específicos, é um dos princípios que norteia nossa tarefa.

Nesse sentido, o SBPdePA Cast produz e disponibiliza conhecimento em prol de debates internos e discussões entre amigos e especialistas. A curiosidade é um motor potente para o desenvolvimento individual e de grupos. A equipe da Diretoria de Divulgação se orgulha por contribuir através de seu programa de *podcast* para a expansão do conhecimento, dos questionamentos e de novas ideias.

A equipe da Diretoria de Divulgação é coordenada por Heloisa Zimmermann e constituída por Letícia Lacerda, Lisa Magalhães, Luciana Buseti, Julio Sperb e Renata Teloken, Membros do Instituto da SBPdePA; pela jornalista Karine Freitas; e pela secretária Micaela Wunsch.

**(Heloisa Zimmermann, diretora de divulgação)**

---

## Do Leme à FEPAL, marcas mnêmicas de um congresso afetivo

**Camila de Araujo Reinert**

*Membro Egressa do Instituto da SBPdePA, atualmente radicada no Rio de Janeiro*

Desde o lançamento do local do 35º Congresso Latino-Americano de Psicanálise, organizado pela FEPAL, fiquei pensando no paradoxo de um congresso cuja temática era *Intolerância, Fanatismo e Realidade Psíquica* ser sediado em um hotel de luxo que contrasta com a comunidade do Morro do Vidigal ao fundo.

Saí satisfeita (mas não surpresa) com a capacidade da então presidente da FEPAL, Wania Cidade, e da Comissão Organizadora do Congresso de não esconderem a marcante diferença social entre quem vive no Morro e quem é congressista, mas de trazerem



para dentro do evento de diferentes maneiras, por meio das discussões teórico-clínicas horizontalizadas, das vivências do quarto-eixo e da abertura para outras áreas do saber. A meu ver, cumpriram a intenção de Wania: *"A ideia é que possamos percorrer a história como na filosofia africana (Sankofa) - "retornar ao passado para ressignificar o presente e construir o futuro"*.

No dia 15 de outubro, ocorreu uma intervenção artística, no intervalo das atividades do Simpósio de Crianças e Adolescentes, do grupo de dança do Bonsai Vidigal (Cidades Invisíveis). No dia seguinte,





os congressistas subiram o morro para uma visita à sede do Projeto na comunidade do Vidigal para participar do Papo Literário com adolescentes. Uso as palavras da psicóloga Luisa Steiger, que é uma das coordenadoras do Projeto, para descrever a vivência:

*FEPAL no Vidigal  
Tão perto tão longe  
Um dia, "nós" descemos  
No outro, "eles" subiram  
"Nós" e "eles" pudemos então  
Formar um bonito laço*

No dia 18 de outubro, ocorreu a mesa redonda do "Ubuntu: o Coletivo como Contraponto ao Individualismo" com as colegas Vera E. Hartmann, Eliane Nogueira, Luciana Schmal sendo coordenadas pela colega Alessandra Guedes de Araújo Detmann. Fazendo jus ao nome da mesa e à filosofia UBUNTU, *eu sou porque nós somos*, as colegas e o público concor-

daram democraticamente, em um gesto político de hospitalidade, em ceder seu espaço para que todos participassem da homenagem que ocorria simultaneamente.

Nise da Silveira, uma figura que revolucionou a psicanálise no Brasil e inspirou a reimaginar a loucura como uma expressão profunda da humanidade, foi homenageada pela Comissão local por meio do samba-enredo de 2024 da Escola de Samba Arranco do Engenho de Dentro: *"Nise – Reimaginação da Loucura"*.

A homenagem organizada pela Comissão Local e apresentada por Hellen Mary Costa da Silva, uma carioca amante do samba, que disse em seu discurso: *"A homenagem feita a Nise numa escola de samba reforça o quanto o samba e suas instituições compreendem a profundidade da cura emocional e psíquica. [...] O samba, assim como o trabalho de Nise com a arte, é um veículo para a cura, especialmente no contexto da saúde mental da população preta, que historicamente enfrenta inúmeras formas de violência."*

O samba também foi a trilha sonora usada para conhecer presencialmente e, ao mesmo tempo, me despedir dos colegas da Diretiva da OCAL 2023/2024. Foi realizada uma linda festa na beira da praia com a participação de grande parte dos membros de institutos da América Latina. Cito um trecho de um dos discursos do então presidente da OCAL, Thércio Brasil, que transformou em poética a intenção de toda uma diretiva:

*"Agora, cabe aos psicanalistas latino-americanos acolherem e pensarem seus paradoxos, não?"*

*As subjetividades cotidianas, em sua violência indiferente, dão forma aos fanatismos.*

*Subjetividades automáticas, subjetividades mortas-vivas, que andam em linha reta, que não se desviam, que não gingham no balanço da canoa, que não bailam a festa, que não lutam a boa guerra.*







*Laroyê, que Exu, o orixá mensageiro, guardião da encruzilhada, aquele que habita as fronteiras, orixá da transicional idade, a meu ver o orixá psicanalista, que Exu abra nossos caminhos e tenhamos dias de potência vital e alegria.*

*Que a psicanálise também possa vir a ser uma mensageira da vida viva, um baile entre pulsão de vida e pulsão de morte."*

Esse congresso me marcou, mais do que tudo, afetivamente. O Rio de Janeiro abriu suas portas para mim há um ano, encantou-me. Espero que os colegas que estiveram presentes também tenham saído encantados pelo congresso, pela cidade e, principalmente, pelos afetos e aprendizados compartilhados. Modificados pelo que viveram e escutaram, prontos para seguir o trabalho consistente feito pela SBPdePA e traçar novos caminhos para o futuro da psicanálise na América Latina.

## Núcleo de Infância e Adolescência (NIA)



Em outubro de 2024, ocorreu o já tradicional Simpósio do NIA, que trouxe o psicanalista David Léo Leviski para falar sobre adolescência e saídas criativas para o caos. O tema foi pensado pelo grupo a partir da crise climática que se abateu sobre nosso estado. Também participaram a pediatra Carolinne Santin Dal Ri e a jornalista Sabrina Passos Cimenti, alertando sobre o uso saudável das telas e das redes por crianças e adolescentes.

O grupo contou com outros projetos, como o Livros no Tatame, de Christine Nunes, que já é rotina em duas escolas de Porto Alegre e segue aumentando suas frentes.

Outro evento preparado com muito carinho foi projeto Cine Anime, que se tornou realidade através de três encontros lotados e frutíferos no Instituto Ling. Já está firmada a parceria para o próximo ano

desta atividade aberta à comunidade, juntando psicanálise e cinema.

Ainda neste semestre, atendendo à solicitação do Colégio Estadual Cândio José de Godoi, o NIA firmou parceria para oportunizar escutas aos atingidos pelas enchentes no estado. O projeto, ainda em fase de organização, vai atender quinzenalmente grupos de alunos e de pais de crianças e adolescentes atípicos.

Preparando-nos para a Jornada da Brasileira de 2025, o grupo iniciou estudos relativos ao seu tema principal.

A Equipe do NIA é coordenada por Heloisa Zimmermann e constituída por: Adriana Ampezzan; Aline Santos e Silva; Christine Nunes; Júlio Sperb; Kellen Anchieta; Mara Horta Barbosa; Marlise Albuquerque; Marta Stumpf; Rosana Igor Rehfeld.

**(Heloisa Zimmermann, coordenadora)**

# CAP: expandindo e integrando nossa experiência clínica



Iniciamos as atividades ainda na gestão anterior, quando o diretor do CAP foi convidado pela antiga diretora, Rosa Avritchir, para reunião de despedida da gestão. Ao tomar conhecimento do belo trabalho realizado pela gestão que se despedia, foi feito contato inicial com uma parte dos membros do CAP. Em seguida, foram obtidos nomes de colegas interessados que se prontificaram a colaborar na gestão que se iniciava. O passo seguinte foi inteirar-se do trabalho das gestões anteriores, analisar documentos que regularizassem o funcionamento do CAP e definir um projeto.

Olhando o trabalho já realizado pelas sucessivas gestões do CAP desde 2020 e, ainda, verificando a pujante produção científica e cultural programada para 2024, foi entendido que poderíamos contribuir para SBPdePA criando, além do que era regulamentar – a distribuição dos pacientes – um espaço de discussão de material clínico de forma regular.

Esclarecemos as responsabilidades legais que a SBPdePA assume em relação aos pacientes, registros e encaminhamentos consultando nossa assessoria jurídica. Ficou claro que a Brasileira só indi-

## Atividades/2024

**14/03/24:** Reunião preparatória  
Temas: Membros CAP, Grupo de Coordenação, retomada do Regulamento do CAP, distribuição de tarefas, organização do calendário  
Coordenador: José Ricardo P. Abreu

**18/04/24:** Reunião Clínica  
Apresentação: Ana Elisa Hollberg  
Comentarista: Flávio Roithmann

**15/05/24:** Palestra *Crise e desastres: cuidando dos cuidadores*  
Convidado: José Toufic Thomé  
Coordenador: José Ricardo P. Abreu

**20/06/24:** Painel Desastres: *o momento seguinte*  
Trauma: Rosa Beatriz Santoro Squeff (Diretora de Comunidade e Cultura)  
A Clínica: Marcela Pohlmann (Presidente da AMI)  
Abordagens: José Ricardo P. Abreu (Diretor do Centro de Atendimento Psicanalítico)  
Contribuições da SBPdePA – Patricia Rivoire Minelli Goldfeld (Presidente)

**17/07/24:** Reunião Clínica  
Apresentação: Renata Teloken  
Comentarista: Patricia Goldfeld  
Coordenador: José Ricardo P. Abreu

**15/08/24:** Reunião Clínica  
Apresentação: Gabriela Morsch  
Comentarista: Denise Zimpek  
Coordenador: José Ricardo P. Abreu

**18/09/24:** Reunião Clínica  
Apresentação: Rosa Dal Bó  
Comentarista: Cynara Koppitke  
Coordenador: José Ricardo P. Abreu

**24/10/24:** Reunião Clínica  
Apresentação: Caroline Petroli  
Comentarista: Heloísa Zimmermann  
Coordenador: José Ricardo P. Abreu

**21/11/24:** Reunião Clínica  
Apresentação: Ana Lúcia Figueiredo  
Comentarista: Katya de Azevedo Araújo  
Coordenador: José Ricardo P. Abreu

**11/12/24:** Reunião de Avaliação  
Confraternização



ca algum psicanalista e não se envolve nos acertos subsequentes de contrato, cobrança e nem deve manter registros clínicos dos pacientes.

Na sequência, foram instituídas as reuniões clínicas regulares, de frequência mensal, com material aportado pelos membros do CAP e comentadas por colegas experientes da Brasileira. Antes de cada reunião, tínhamos um tempo para revisar questões administrativas que também eram tratadas através dos grupos de WhatsApp.

Inicialmente, as reuniões seriam realizadas presencialmente, porém com a ocorrência das enchentes, modificamos o previsto e passamos ao formato *on-line*. Inclusive, usamos duas datas para discutir o tema "Crises, Desastres, Trauma" e, assim, nos integramos ao trabalho social Ação Emergencial da SBPdePA – Enchente 2024.

Apresentamos neste espaço uma relação das atividades desenvolvidas ao longo do ano, nomeando os apresentadores de caso nas reuniões clínicas, comentaristas, bem como a contribuição de palestrantes e debatedores.

O CAP conta atualmente com 43 profissionais entre médicos e psicólogos e oferece oportunidade de

tratamento à comunidade através dos membros da SBPdePA em formação, proporcionando-lhes material clínico para andamento de suas supervisões.

Precisamos registrar nosso agradecimento a todos que contribuíram para nosso trabalho, especialmente à competente comissão coordenadora\*, à diretoria da SBPdePA, ao Instituto, e à AMI. Sempre que possível, tentamos articular todas as instâncias da Brasileira e podemos dizer que estamos muito satisfeitos com o que conseguimos até o momento.

Para o próximo ano, estamos discutindo a possibilidade de expandir as reuniões clínicas mensais para todos os membros, além daqueles que compõem o CAP. Também estamos pensando na possibilidade de ter mais de um comentarista em cada reunião, averiguando a possibilidade de contar com a colaboração dos membros da Febrapsi, FEPAL e IPA.

**(José Ricardo Pinto de Abreu, diretor do CAP)**

\* Comissão da CAP: Gabriela Morsh, Renata TeloKen, Jeanete Sacchet Caroline Petrolí (ativos) Lorenço Cogo Pereira, Marcelo Bertoldo Pinheiro (licenciados).

# Instituto de Psicanálise

Vivemos, em maio de 2024, a pior catástrofe climática já ocorrida no Rio Grande do Sul. Vários colegas se voluntariaram para atender pessoas que estavam vivendo aquele estado de calamidade. Em meio a isso, propusemo-nos a buscar pensadores que pudessem contribuir sobre a questão do traumático.

Realizamos, então, um seminário aberto internacional promovido pela diretoria do Instituto, cujo título foi "O traumático e seus destinos", em que contamos com a presença de Moty Benyakar, Membro Titular Didata da Associação Psicanalítica Argentina (APA) e Diretor do Programa de Formação Internacional em Stress, Trauma e Intervenções em Desastres (ITP); Yolanda Gambel, da Associação Psicanalítica de Israel, atualmente residindo em Tel Aviv, reconhecida e premiada por seus trabalhos com crianças e famílias traumatizadas pela guerra; e Julio Moreno, Membro Titular Didata e Co-diretor

do Departamento de Família e Casal da APdeBA, ganhador do prêmio Sigourney e autor de *Tempo e Trauma*, entre outros.

Este seminário, que foi um sucesso, contou com a participação de inúmeros colegas de vários cantos! No dia 17 de agosto, tivemos a aula inaugural do segundo semestre com a colega Alicia Dorado de Lisondo, Analista Didata e docente da SBPCamp e da SBPSP, filiada à International Psychoanalytical Association. O título da atividade foi "Quando terrores e dores invadem o Ser: o poder do trabalho psicanalítico emergencial como transformador – a experiência do SOS Brasil". Essa atividade oportunizou uma reflexão sobre a importância da abordagem inicial em situações disruptivas e sobre o quanto a psicanálise tem a oferecer nesse contexto, trabalhando também em uma abordagem de prevenção, buscando evitar que estas vivências se transformem em traumas.



Em agosto de 2024, iniciaram a Formação Analítica, na SBPdePA, os colegas Caroline Petrolí, Fernanda de Oliveira Schmidt, Luciana Wagner Grillo, Maria Christina Kuhn, Marília Santos Krüger e Ursula Krug. Em outubro, no Congresso FEPAL, recebemos a notícia de que a colega Miriam Cristiane Alves, membro do Instituto, conquistou o prêmio Sigmund Freud, motivo de grande alegria para nossa sociedade (visto ser ela bolsista do projeto Ubuntu).

Na festa de final de ano da SBPdePA, tivemos um momento de fundamental relevância ao abraçar os membros do Instituto que terminaram seus seminários. São eles: Iuri Oliveira, Juliana Côrte Vitória, Lisa Pellegrini Magalhães, Luciene Menegaz Beckenkamp, Marcela Pohlmann e Vladia Zenkner Schmidt. A todos, damos os parabéns.

Para o ano de 2025, também temos importantes atividades programadas. Em 15 de março, teremos a participação do psicanalista Juan Eduardo Tesone, Membro Titular da APA, Membro titular da SPP - Societé Psychanalytique de Paris (1992-2019), na aula inaugural do semestre, com o tema *Uma*

*dor sem sujeito: marcas disruptivas no psiquismo ressignificadas*, título de seu mais recente livro.

Também em março, receberemos 10 novos colegas ingressando na Formação Analítica na SBPdePA, que são: Adriana Accioly, Edna Cláudia Jorge da Silva, Ezequiel de Cândido Amaral, Felipe dos Santos Paz, Laura S. Sacchet Jaskulski, Lisiane Alvim Saraiva Junges, Luisa Pinheiro Deves, Manoela da Costa Haag, Roberta Sirangelo Machado e Thaís Alves Ghenês. Aos colegas que iniciam esta importante trajetória, desejamos muito sucesso! Desejamos que 2025 seja um ano profícuo de aprendizagens, novos pensamentos e crescimento!

### **Nossa composição**

Diretora do Instituto: Vera Maria H. Pereira de Mello. Secretária: Ana Rosa Chait Trachtenberg. Coordenadora da Comissão de Formação: Cynara Cezar Kopittke. Coordenadora de Seminários: Silvia Stifelman Katz. Coordenadora da Comissão de Formação em Psicanálise da Infância/Adolescência: Ester Litvin

# Associação dos Membros do Instituto (AMI)

A Sociedade Brasileira de Psicanálise de Porto Alegre, situada no Rio Grande do Sul, conta atualmente com 119 integrantes. O ano de 2024 foi muito produtivo, contávamos com 110 membros. Iniciamos com a casa cheia e a aula inaugural, organizada pela direção da AMI (Associação dos Membros do Instituto) gestão 2024/2025, cuja presidente é Marcela Pohlman, a vice-presidente Nicole Campagnolo, a secretária Marta Stumpf e o tesoureiro Iuri Oliveira, juntamente a diretoria da Sociedade.

Contamos com a presença dos psicanalistas convidados Marielle Kellerman, Vanessa Corrêa e Pedro Colli, de São Paulo, na época organizadores do *podcast* La Fora, com a temática "A Psicanálise na mídia", evento que ocorreu dia 09 de março de forma híbrida para convidados. Foram debatidos os temas das redes sociais, o mal-estar na civilização digital e questões do mundo pós-moderno pelas lentes da psicanálise.

Vivemos momentos muito difíceis com as enchentes que assolaram o nosso estado e, dentro desse panorama impactante, a Sociedade Brasileira de Psicanálise de Porto Alegre juntamente com o Centro de

Atendimento Psicanalítico (nosso querido CAP) viram-se convocados a agir. A partir do mês de maio, realizamos importantes ações emergenciais, dentre elas trabalhos solidários e voluntários nos abrigos, de maneira presencial, e de forma on-line, quando possível, atendemos a um grande público de pessoas atingidas.

A Sociedade como um todo se organizou para estudarmos a melhor forma de amparar o grande público que viveu essas catástrofes e suas consequências diretamente. Foi um momento muito difícil para todos, que ainda reflete nos nossos tempos. A Sociedade Brasileira de Psicanálise de Porto Alegre contou com consultorias de profissionais acostumados com situações de catástrofes para também amparar a todos os membros.

A ocorrência das enchentes modificou o previsto para funcionamento da Sociedade, com abertura de presencial para atividades híbridas e on-line. O CAP, centro de atendimento psicanalítico da sociedade, o qual conta atualmente com 43 profissionais, entre médicos e psicólogos, membros do instituto, utilizou o espaço para discutir temas relacionados à crise, desastres e traumas. O CAP oferece tratamento

à comunidade de forma mais acessível, assim como oportuniza aos membros pacientes para possível supervisão didática. Tentamos integrar todos os setores da sociedade, seja em situações atípicas, como essa das enchentes, mas também enquanto sociedade.

O seminário aberto do segundo semestre foi organizado em conjunto pela AMI e pela direção do instituto, para também integrarmos a experiência impactante de maio. A temática foi "O traumático e seus destinos", com a presença dos psicanalistas Moty Benyakar, Yolanda Gampel e Júlio Moreno.

A atividade inaugural do Instituto, no segundo semestre, manteve o fluxo da temática e contou com a convidada Alícia Lisondo, não só como um espaço de reflexão, mas também de convocação ao projeto SOS Brasil, aberto também aos membros do instituto. A atividade contava com o título "Quando terrores e dores psíquicas inundam o ser: o trabalho psicanalítico emergencial pode ser transformador – A experiência do SOS Brasil".

Contamos também com um projeto muito importante referente às ações afirmativas na nossa sede, o UBUNTU, que possibilita uma retratação a quem não poderia realizar a formação em função da discriminação racial. Durante uma assembleia da AMI, foi votada por unanimidade uma contribuição mensal de cada membro ao Projeto.

A Sociedade conta com o NIA, Núcleo de Infância e Adolescência da sociedade, aberto aos membros do Instituto, o qual se reúne semanalmente para debater, pensar e atuar com o público da infância e adolescência. A partir do NIA, temos ricos projetos dos membros do instituto, como o Cine Anime, iniciado em 2024, sob a coordenação do membro Júlio Sperb, que se tornou realidade através de três encontros frutíferos no Instituto Ling. Já está firmada a parceria para o próximo ano desta atividade

aberta à comunidade, juntando psicanálise com o cinema. Ainda neste segundo semestre, o NIA firmou parceria com uma escola estadual da cidade para oportunizar escutas aos atingidos pelas enchentes no Estado. Também desenvolvemos um projeto que irá atender um grupo de adolescentes da escola e um grupo de cuidadores de adolescentes atípicos, sob a coordenação de Kellen Gurgel e Marta Stumpf respectivamente.

Dentre outros eventos do NIA, tivemos o Simpósio ocorrido em outubro para debatermos e pensarmos sobre o uso seguro das redes e telas pelas crianças e adolescentes, assim como saídas criativas para o caos que nos assola como o ocorrido com as catástrofes climáticas. Não podemos deixar de citar o lindo projeto "Livros no Tatame", que conta com membros do Instituto na sua realização, sob a coordenação da psicanalista Christiane Nunes, que desenvolve esse dispositivo clínico, o qual propõe a leitura acompanhada de olhar e escuta psicanalítico.

Fechamos o ano com um simpósio organizado pela Associação dos Membros do Instituto chamado "Impactos", no qual todos os membros puderam escrever e apresentar trabalhos sobre os temas desejados, que os inquietam e mobilizam. Inclusive contamos com a presença de Wania Cidade para comentar o artigo da colega Míriam Alves, que recebeu o prêmio Sigmund Freud no Congresso da FEPAL, de outubro de 2024. Importante dizer que, mesmo com um ano muito difícil para o Sul, estivemos em segundo lugar de membros inscritos no congresso da FEPAL. Enfim, nosso simpósio ocorreu em novembro de 2024, de forma híbrida, fechando as atividades dos membros com chave de ouro.

**(texto assinado em conjunto pela AMI - Associação dos Membros do Instituto)**

---

# Movimentações na Sociedade

## Na sede da SBPdePA 2024

Carmen Silvia Luz do Prado – Passou a Membro Associado  
Ian Favero Nathasje – Passou a Membro Associado  
Rafaela Degani – Passou a Membro Associado  
Jussara Pecis Lerrer – Passou a Membro Associado

## Ingressos como membros do Instituto de Psicanálise 2024/2

Fernanda de Oliveira Schmidt  
Caroline Petroli  
Luciana Wagner Grillo  
Maria Christina Kuhn  
Marília Santos Krüger  
Ursula Krug

# Livros SBPdePA

Produções científicas e poéticas de nossos membros

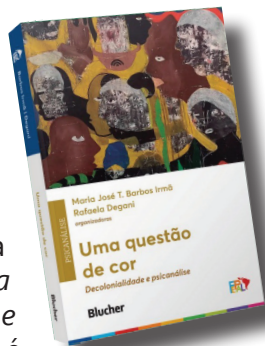
## Sofrimentos contemporâneos - Desafios à Psicanálise

O livro contempla textos referentes à Jornadas promovidas pelo Espaço Criar, que resultou no convite a seus palestrantes para escreverem sobre as diversas formas do sofrimento humano. Entre os autores, temos Jacques André, Facundo Blestcher, Ethel Battikha, Norberto Marucco, Letícia Fiorini, Gley Costa, Roberto Graña, Ignácio Paim, Magali Fischer, Maria Cristina Vasconcelos, Regina Klarmann, Ana Suy, Daniel Kupermann e Leonardo Francischelli. Como organizadoras deste belo compilado de textos, temos Katya de Azevedo Araújo e Raquel Moreno Garcia. Vale a leitura!

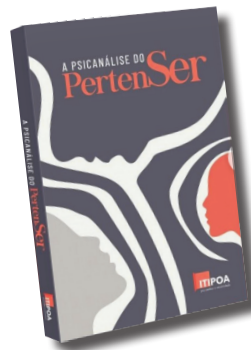


## Uma questão de cor

Este livro é fruto do curso de letramento racial da Federação Psicanalítica da América Latina (FEPAL), na gestão da presidente Wania Cidade, primeira mulher negra a ocupar esse lugar. O curso, *Uma questão de cor: decolonialidade e psicanálise*, homônimo ao livro, é uma iniciativa da equipe de Comissão Científica dessa gestão, coordenada pela psicanalista Marina Massi, que tem as questões raciais como um de seus eixos principais de estudo e transmissão. É premente que a psicanálise se debruce sobre as heranças do colonialismo, sobre aquilo que nos constitui enquanto sujeitos latino-americanos. Assim, este livro se apresenta não apenas como um convite ao diálogo, mas como uma ação em direção ao letramento racial tão necessário em nosso meio. Que estas páginas inspirem novas investigações, agucem a escuta e ampliem as fronteiras de uma psicanálise ainda bastante branca e eurocêntrica.



## A Psicanálise do PertenSer



A sensação de fazer parte de um grupo, família ou comunidade tem nome: pertencimento. Pertencer é ancorar-se no outro, em tantos outros, numa rede que conecta, dá sentido e sustentação. É sobre isso que este livro versa. O sentido e a sustentação do fazer psicanalítico criativo, que

é marca do ITIPOA, evidenciam-se em cada escrito, que relata o pertencimento de diversas formas, seja na clínica, seja na construção da identidade psicanalítica. Organizamos este livro pelo ITIPOA com vários colegas da Brasileira: Aline Santos e Silva, Celso Gutfriend, Luciana Saraiva Schmal, Paula Sarmento Leite. O lançamento ocorreu no dia 25 de outubro.

## A terceira mulher de Quintana

Ao visitar um residencial geriátrico no período natalino, um grupo de escoteiros oferece a um viúvo, perto dos cem anos, uma simples casquinha de sorvete. Mas o que poderia ser apenas um agrado acaba descerrando um portal na memória do residente, transportando-o à época em que trabalhava no Correio do Povo e, junto do amigo Mário Quintana, buscava uma vida mais rica em poesia. Nesse cenário da juventude, uma mulher desperta o seu interesse, obrigando-o a enfrentar o que sente por ela e a refletir sobre a relação com o poeta após descobrir que os dois estão saindo. Tendo como pano de fundo a Porto Alegre dos anos 60 com suas marcantes conturbações políticas e transformações sociais, a novela percorre as sinuosidades da realidade psíquica em choque com a realidade material e explicita os riscos da interpretação, a partir de uma relação que, se não impelida por amor, convida ao questionamento de que outros elementos compõem o que chamamos de atração.





## Psicoterapia para médicos de família - a arte de conversar com o paciente

O livro trata da prática da psicoterapia médica, a arte de conversar com o paciente, fundamental para qualificar a comunicação, a compreensão e a abordagem dos fenômenos conscientes e inconscientes de um atendimento, bem como os aspectos teóricos e técnicos envolvidos, tornando

a consulta mais compreensiva e resolutiva, uma vez que a prevalência dos problemas de saúde mental no cotidiano de um médico que trabalhe em atenção primária ou clínica geral é alta. Ele se destina a médicos de família, a médicos clínicos de todas as áreas, médicos residentes, estudantes de graduação de medicina e psicologia

bem como aos demais profissionais de saúde que entrevistam pacientes, nas suas respectivas áreas de atuação.



## Sussurros da alma: emoções em poesia

O livro apresenta o leitor com uma seleção de preciosidades como fotografias, música e profundas poesias. Trata-se de um livro de poesias diferentes, oriundas da experiência clínica da autora, que é psicóloga, psicoterapeuta de orientação analítica e membro do Instituto da Sociedade Brasileira de Psicanálise de Porto Alegre. As poesias falam de sensações viscerais, referentes a vivências anteriores à aquisição da palavra. Outras, descrevem vivências na clínica ou na vida. Além dos textos e das fotografias, as quais visam dar figurabilidade para os sentimentos cujas palavras não abarcam a imensidão experienciada, a música também faz parte do livro. Na página final, há um QR Code que direciona o leitor para as poesias musicadas. O livro, portanto, proporciona uma experiência estética por vezes semelhante ao que se vivencia dentro de um consultório psicológico.



## Transmissões do feminino

Transmissões do feminino é o resultado de anos de pesquisa da autora sobre o tema do feminino, partindo de uma abordagem freudiana e indo em direção de autores contemporâneos, em especial mulheres. No entanto, esse não é um livro sobre mulheres e sim sobre peculiaridades daquilo que chamamos de feminino, algo mais amplo e que habita corpos diversos, de homens e mulheres, sejam cis ou trans, de pessoas não binárias, de pessoa... O debate sobre o feminino, que para Freud era o continente obscuro, que fez com que sua teoria ficasse com algumas lacunas e que lhe causou até alguns dissabores, ganha novas possibilidades. Assim, o livro discorre sobre maternidade, não maternidade, aborto, relação mãe e filha, relação mãe e babá, entre outros. Temas que não são novos, evidentemente, mas que ainda carecem de uma multiplicidade de olhares em torno.



## A invenção da vida

De maneira geral, a felicidade buscada pelos seres humanos não se acha no plano da criação, mas no atendimento dos desejos do princípio do prazer. No entanto, essa ambição é na prática absolutamente inexecutável, determinando a inevitável insatisfação da humanidade. Neste livro, o psicanalista Gley P. Costa enfatiza que, diferentemente do que se costuma pensar, a felicidade possível para as pessoas, em todas as etapas de seu desenvolvimento, nasce do sentimento proporcionado pela criação, e cabe a todos nós o desafio de aprender a inventar a própria vida e estimular as próximas gerações a se tornarem autoras da sua.



## O elogio ao começo



**O** *elogio ao começo* – o *bebê, a criança e a aprendizagem* (Artmed, 2024) é uma espécie de inventário da própria aprendizagem do autor sobre o tema, depois de décadas estudando e encontrando os bebês e seus pais. O livro conta seus próprios encontros com especia-

listas nesta área (Lebovici, Golse, Guerra, entre tantos outros) e tudo o que pôde trocar com esses mestres e amigos, em vários campos e países diferentes. Um diferencial que a obra apresenta é dar a voz ao próprio bebê, verdadeiro autor de muitas par-

tes do texto que retoma os principais autores (Stern, Winnicott e outros) e suas teorias e clínicas sobre a importância das interações precoces e do começo da vida na construção da subjetividade e as repercussões disso tudo na vida emocional de todos nós. A experiência como escritor e, sobretudo, poeta é aqui muito útil ao valorizar a importância de estar junto “inutilmente”. O livro retoma ainda as pesquisas do autor sobre a importância do conto, da arte e da literatura na construção dessa subjetividade e, portanto, na saúde mental. Outro ponto importante refere-se à importância das marcas dessa fase inicial e decisiva nos desdobramentos da vida e o quanto pode ser explorado na transferência do paciente adulto, ou seja, em todo o ciclo vital da psicanálise.

## Transgeracionalidade/ Intergeneracionalidade

**V**ou usar algumas das palavras de Yolanda Gampel, que generosamente fez o prefácio do meu livro *Transgeracionalidade/ Intergeneracionalidade: Holocausto e dores sociais*, para fazer uma nova homenagem a esta importante psicanalista, que nos acompanha na atualidade com a sua inquietante perspicácia clínica. Disse ela: “Este livro, que Ana Rosa Chait Trachtenberg nos escreveu a partir de sua experiência emocional e do destino que teve de viver, nos coloca em contato, como psicanalistas e como cidadãos do mundo, com dois casos de traumas coletivos, eventos destinados a prejudicar a população sob o signo do medo e do terror que nós chamamos de violência político-social. Ela se inscreve como catástrofe no corpo, no psiquismo e na alma do indivíduo, como história e como transmissão: o Holocausto, como acontecimento catastrófico do Século XX, e a escravidão no Brasil, que durou séculos, patrimônio silencia-

do que grita na subjetividade contemporânea dos brasileiros. Podemos dizer que o trauma imamente-nascer e crescer, e o trauma catastrófico, causado pela violência político-social, nunca mentem. O trauma reclama e exige recepção, exige ser expresso, pois o trauma e a catástrofe destrutiva imposta por um ser humano a outro têm o poder de transpor barreiras intergeracionais [...]. No caminho percorrido neste valioso e belo texto sobre transgeracionalidade, encontramos uma rede de múltiplos tempos que se esbarramos bifurcam, se cortam ou se ignoram há séculos, abarcando todas as possibilidades [...]” Muito obrigada, Yolanda!”



## A escrita científica no divã

Este livro explora o processo de construção de trabalhos escritos em psicanálise, buscando compreender os elementos externos e internos que facilitam ou dificultam o caminho no que poderia ser um caminho mais livre. Explora as funções intrapsíquicas que a escrita cumpre no autor e os



mecanismos psíquicos que participam da escolha de um modo de escrever mais autoral ou mais anônimo. Para evoluir de um texto mais anônimo para um trabalho mais autoral, temos de nos assumir como um autor que fala em nome próprio. Em companhia das inúmeras referências teóricas que apoiam nosso tema, vamos comunicar nossa própria

síntese, nossa avaliação crítica dos fenômenos estudados, nossa apreciação a respeito deles, sem nos escondermos atrás de textos de outros autores.

O livro apresenta a escrita psicanalítica que tem, como matéria-prima e como instrumento, o inconsciente e tem, como objeto, um outro para quem é dirigida. Através dela, damos expressão ao que é imagem, criando elementos; elaboramos angústias e processamos uma série de vivências que, na clínica, nos escapam. Para isso, trabalhamos as resistências que se relacionam à imposição de estados que queremos evitar, pois desestabilizam nosso narcisismo. Para que a escrita seja vivenciada com mais prazer e qualidade, é preciso tolerarmos estes estados durante todo o processo de construção do texto, e descobriremos a possibilidade de escrever com mais liberdade, garantindo um texto firmemente sustentado e trabalhado, mas com um formato aberto, criativo e vivo.

## Dimensões da Psicanálise

As dimensões da psicanálise abrangem teoria, prática, artes, cultura e o ambiente social. Este livro explora apenas alguns desses aspectos, dada a amplitude da psicanálise. No primeiro movimento, "Os novos paradigmas e a mente do analista na prática profissional", discute-se a teoria da complexidade e a necessidade de maior trabalho mental do analista. O analista e o paciente formam uma dupla para a qual o diálogo é essencial para o desenvolvimento emocional. A segunda parte, "Algumas vicissitudes do processo psicanalítico", continua a primeira ao vincular teoria e prática clínica. Enfrenta-se o impasse psicanalítico e os *actings-out*. Qualquer manifestação transferencial negativa deve ser assinada pelo analista assim que percebida. A terceira parte, "Algumas considerações teórico-clínicas", apresenta o masoquismo, dor e pulsão de morte. Além de explorar esses temas, traz elementos que influenciam a capacidade do paciente de suportar crescimento e prazer. Muitas vezes, a evolução do paciente pode ser sutilmente encoberta por sentimentos hostis de dependência



na transferência. Na quarta parte, "Psicanálise na arte e na civilização", é mostrada a relação entre psicanálise e cultura, explorando a psicologia dos povos e o impulso dos artistas para criar obras que transcendem séculos, inspirando nosso desenvolvimento psíquico e a curiosidade, essencial para todo

analista. Finalmente, a quinta parte aborda o futuro da psicanálise e do psicanalista. Trabalhando com o passado e presente, é crucial olhar para o futuro da nossa disciplina, de nós mesmos e dos pacientes. Ignorar o porvir compromete nossa identidade e preparação para as incertezas do amanhã. Em toda a obra, a colaboração entre a mente do analista e do paciente é central, buscando entender como lidar com o desconhecido e o não sabido.



**SBP de PA**

Sociedade BRASILEIRA de  
Psicanálise de Porto Alegre